

PESQUISAS

Antropologia, nr. 15

Ano 1966

ALFREDO KOHR, S.J.

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SANTA CATARINA

- I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera.
- II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Inácio Schmitz, S. J. — Diretor

Aloysio Sehnem, S. J. — Coordenador para Botânica

João Oscar Nedel, S. J. — Coordenador para Zoologia

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 seções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologie, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redatorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

PESQUISAS

Antropologia, nr. 15

Ano 1966

ALFREDO ROHR, S.J.

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SANTA CATARINA

- I. Exploração sistemática do sítio da Praia da Tapera.
- II. Os sítios arqueológicos do Município de Itapiranga.

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo — Praça João Pessoa, 35 — Rio Grande do Sul — BRASIL

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DA PRAIA DA TAPERA *

(Nota prévia)

1. INTRODUÇÃO

É esta a primeira notícia, dada a público, referente aos resultados obtidos na escavação sistemática de um grande sítio arqueológico, localizado na Praia da Tapera, Subdistrito do Ribeirão, Município de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina.

Os dados aqui publicados são fruto de **duzentos e dez dias** de trabalho árduo de campo, dos quais participava, permanentemente, uma equipe composta de **três a seis membros**.

Responsável pela pesquisa foi o arqueólogo P. João Alfredo Rohr SJ., tendo como assistente, inicialmente, o acadêmico da Faculdade de Odontologia da Universidade de S. Catarina, Oberdan Adriani e, mais tarde, o Dr. Beno José Lermen SJ., bem como dois ou três operários braçais, cedidos pelo Governo do Estado e mais tarde pagos pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

Periódicamente os trabalhos da exploração foram orientados por eminentes professores de nível universitário. Entre eles, citamos com orgulho os nomes do Dr. Luiz de Castro Faria, diretor do Museu Nacional e Prof. de Antropologia da Universidade do Brasil; o Prof. Igor Chmyz, do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná; o Prof. Pedro Ignácio Schmitz SJ., Prof. de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Sul.

* Trabalho executado na qualidade de bolsista do Conselho Nacional de pesquisas e financiado pelo Conselho, ao qual deixamos, aqui, consignado de público, as expressões de profundo agradecimento.

Enderêço de P. JOÃO ALFREDO ROHR: Museu do Homem do Sambaqui — Caixa Postal 135 — Florianópolis, SC — Brasil.

O sítio, no decorrer dos **quatro anos e meio**, pelos quais se pro-
traiu a pesquisa, foi visitado por grande número de professores e
alunos, procedentes de diversos Estados da União; por repórteres da
revista "O CRUZEIRO"; por um número grande de curiosos e tam-
bém por cientistas de renome, como os Drs. Clifford Evans e Betty
Meggers, arqueólogos do Museu Nacional dos U.S.A., Washington.

Estes últimos levaram aos U.S.A. carvão vegetal, recolhido nos
diversos níveis, com o fim de determinarem, pela análise rádio-
ativa do C^{14} , a idade do sítio.

Esta análise deu como resultado, para o nível A, a idade de
1525 anos; para o nível B, 1165 anos e para o nível C, 1055 anos.

Podemos, portanto, admitir que a idade dos esqueletos encon-
trados seja ao redor de 1500 anos; idade esta já presumida, antes
mesmo de ser feita a análise. De vez que, segundo o que se nos
afigura, achamo-nos em presença de uma cultura de transição da
cultura dos grandes sambaquis para a cultura, mais recente, dos
guaranis e outros indígenas da conquista. Outras análises de carbono
rádio-ativo têm revelado, para os sambaquis mais antigos, idade de
7.500 anos (Cananéa, São Paulo); e para os sambaquis mais recentes,
idade de 1500 anos (Sambaqui do Forte Marechal Luz, Ilha de S.
Francisco do Sul, Santa Catarina).

Foi escavada uma área superior a **dois mil metros quadrados**.
Foram registrados **cento e setenta e dois sepultamentos**, sendo se-
tenta e nove de infantes e noventa e três de adultos.

Dezoito destes sepultamentos tinham associados objetos de
adorno, feitos de dentes, de ossos, de conchas, ou de pedra.

Onze sepultamentos foram cimentados e trazidos ao Museu, na
sua disposição original. Quatro vieram acompanhados de cortes de
terra do Sítio arqueológico, mostrando os perfis estratigráficos e
servindo de blocos-testemunha.

Foram peneirados acima de **mil metros cúbicos** de terra.

Da peneira foram recolhidas 8 toneladas de conchas, dois me-
tros cúbicos de ossadas de peixes, aves e mamíferos; meio metro
cúbico de artefatos de pedra; setecentas pontas de flechas feitas
de osso; trezentos e cinquenta objetos de adorno; tembetás, dentes
de cação, ou de mamíferos, perfurados, vértebras de peixe com friso
circunferente, conchas perfuradas etc.

A peneira reteve ainda **vinte e quatro mil** fragmentos de cerâ-
mica indígena; milhares de **dentes pontiagudos de Cação**; dentes de
porco do mato, de macacos, de gatos do mato, de jaguatiricas, pacas
e cotias, lobos marinhos, lontras, focas etc.

Foram encontrados cento e cinquenta machados líticos inteiros
e cento e noventa fragmentos.

Todo este imenso material está sendo submetido a exame e
estudo minucioso para publicação posterior.

2. DESCOBERTA E CONDIÇÕES ECOLÓGICAS

O sítio arqueológico da Praia da Tapera situa-se numa pequena enseada da Baía do Sul, a vinte quilômetros de Florianópolis, dois quilômetros ao sul da Base Aérea.

Foi descoberto em 1960, em decorrência do aparecimento de um esqueleto humano, na praia.

O esqueleto fôra encontrado por sítiantes, ao retirarem do local areia para construções.

Um exame minucioso do local revelou tratar-se de condições arqueológicas análogas às encontradas no sítio de Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis), localizada numa enseada, dois quilômetros ao norte da Tapera, onde fizéramos escavações em 1958.

Constatamos a presença de uma camada arqueológica de cinqüenta a cem centímetros de espessura, que assentava sôbre areia pura e estéril da praia.

Em face desta ocorrência requeremos, na forma da lei vigente, autorização para a exploração científica do sítio.

Esta autorização foi-nos concedida por Portaria Ministerial de 3 de Julho de 1962.

Delimitado, de um lado, pelas águas mansas da Baía do Sul, o sítio encosta do outro lado na desembocadura de pequeno curso de água doce, chamado pelos moradores "Rio da Éra".

Éstes dois fatôres, enseada rica em peixes, moluscos e crustáceos e o arroio de água doce, abastecendo o arraial de abundante água potável, forneciam condições ecológicas ideais ao homem primitivo e, por certo, determinaram a ocupação dêste sítio durante largo espaço de tempo.

O arroio é rico em peixes de água doce, jundiás, acarás, trairas etc. e, nos seus barrancos, aninham-se lontras, cuicas e gambás.

Uma lontra foi abatida a tiros por um dos sítiantes, durante o período das escavações. A mesma sorte teve enorme foca, de quatro metros e trinta centímetros de comprimento, que arriscou uma sonca sôbre um lagoado, cem metros distante do sítio.

Presenciamos na Tapera a pesca com rede, tarrafa, espinhel e caniço, de grande variedade de pescado, como sejam: taínhas, tai-nhotas, enchovas, miraguias, linguados, raias, paratis, corocorocas, violas, bagres etc.

Anualmente na Tapera, nos meses de março e abril, aparece um tipo de camarão graúdo, que permite ao pescador, hábil no manejo da tarrafa, apanhar dez a vinte quilos, em poucas horas.

O camarão, na tarrafa, vem acompanhado de siris e tôda sorte de pescaria miúda.

A ostra e o marisco, em período de maré vasante, são colhidos em abundância nas ilhotas das Laranjeiras e das Setas, fronteiras à Tapera.

3. EXPLORAÇÃO DO SÍTIO

Os trabalhos tiveram início em 20 de agosto de 1962, com o levantamento topográfico e fotográfico do sítio, antes da exploração. O levantamento topográfico foi feito pelo Departamento Nacional de Saneamento.*

O sítio apresenta superfície grosseiramente horizontal e servia de local de diversão à criançada dos sítiantes. O desnível é de apenas metro e meio do ponto mais elevado do sítio ao nível do mar.

Deixando para mais tarde a área coberta de macega e mato, que foi explorada em 1965 e 1966, delimitamos, provisoriamente, ao longo da Praia, uma faixa de 24 metros de largura, revestida de grama.

Esta área foi estaqueada de dois em dois metros, seguindo-se o alinhamento, a planta topográfica, a partir do ângulo formado pelo Rio da Éra e as águas do mar.

As estacas paralelas à praia, foram designadas por letras: A, B, C, D, E etc, e as estacas das coordenadas, paralelas ao Rio, com números de zero até onze.

Os setores resultantes, de quatro metros quadrados cada qual, são identificados, usando-se o número e a letra, aos quais correspondem, por exemplo: setor O-A, O-B, O-C etc... setor 1-A, 1-B, 1-C etc.

A área perturbada pelos exploradores de areia abrangia uns quarenta metros quadrados junto à desembocadura do Rio. O material rolado desta área foi todo peneirado, trazendo à luz material lítico, ósseo, conchífero e cerâmica indígena.

No material ósseo, destacam-se os restos de um esqueleto humano (Esqueleto n.º 1), constando de mandíbula completa, mas sem dentes, fragmentos da caveira, do tronco e dos membros e doze dentes esparsos.

Os dentes apresentam a abrasão característica dos esqueletos procedentes dos sambaquis.

4. ESTRATIGRAFIA

O sítio arqueológico da Tapera não é um sambaqui, de vez que, em certas áreas, é isento de conchas.

Do outro lado, nas áreas onde ocorre este nível de conchas, é de pequena espessura, oscilando ao redor de vinte centímetros e, além disto, vem misturado com elevado teor de humus.

*) Deixamos, aqui, consignados os nossos agradecimentos aos Srs. Engenheiros Carlos Krebs F.º e José Bessa, diretores do Departamento Nacional de Saneamento, Distrito de Santa Catarina.

Para falar em estratigrafia devemos, por isto, distinguir:

- a. — Áreas com nível de conchas e
- b. — Áreas sem nível de conchas.
- a. — Nas áreas com nível de conchas a camada arqueológica apresenta **três estratos ou níveis**, que se salientam nos perfis estratigráficos.

NÍVEL A: É o estrato, que fica acima das conchas.

Este estrato superficial oscila, em espessura, de cinco a vinte e cinco centímetros.

É composto de humus prêto e areia. Possui cor escura; é duro e compacto devido ao entrançamento das raízes finas das gramíneas, que o interpenetram e ao pisoteio, que, durante decênios, vem sofrendo da parte da garotada pébolista.

Neste nível temos a distinguir:

1. — Cultura atual, representada por cacos de vidro, porcelana, cerâmica, telha e tijolo; cartuchos e balas de armas de fogo; pesos de rede, feitos de chumbo ou de terra cota; anéis de latão; plaquetas e até algumas moedas de cobre; pregos e outros artefatos de ferro, carcomidos pela ferrugem; ossos e dentes de ruminantes, suínos e outros mamíferos; ossos de aves e peixes etc.

2. — Cultura indígena. Esta, por seu turno, pobremente representada por cerâmica lisa, pintada, corrugada, unglada, escovada, incisa etc.; raros machados líticos, batedores, raspadores, amoladores e alisadores de diabásio; pontas de flechas ósseas, objetos de adorno feitos de osso, de dentes ou de pedra; dentes de cação, duplamente perfurados etc.

NÍVEL B — É o estrato das **conchas**.

Oscila, em espessura, de zero a quarenta centímetros.

É composto de conchas, misturadas com ossos inteiros e pulverizados e bastante terra preta, encerrando elevado teor de carvão vegetal granulado e em pó.

É este o nível, que mais tipicamente manifesta a natureza de "kitchenmidden", i. é, restos de cozinha e que fornece material arqueológico mais abundante.

Nêle foram recolhidas centenas de litros de ossadas de peixes, aves e mamíferos e apenas algo menos em lascas cortantes de diabásio e quartzito; bem como seixos rolados pelas águas e seixos submetidos à ação do fogo.

Igualmente abundante no nível B, são os machados líticos, batedores, amoladores, raspadores, alisadores, feitos de diabásio; quebra-coquinhos, feitos de granito ou diabásio; pontas de flechas ósseas; dentes de cação; dentes de mamíferos; objetos de adorno supracitados; pedras corantes etc.

Em determinadas áreas o nível das conchas tem-se revelado pobre em cerâmica, em outras áreas, ao contrário, é extremamente rico.

Quando, de raro em raro, aparece algum esqueleto humano no nível das conchas, trata-se de indivíduos jovens e os esqueletos, via de regra, encontram-se em mau estado de conservação.

No nível B, não se tem constatado a presença de cultura atual. O material conchífero, em sua maioria, é formado por carapaças de ôstras (*Ostrea*). Ocorrem também freqüentes cascas de gastrópodes terrestres (*Strophocheilus*).

As conchas, classificadas pelo Dr. Hugo de Souza Lopes, do Instituto Osvaldo Cruz, Rio de Janeiro, são das seguintes espécies:

- Navicula umbonata* (Lamark)
- Lyropecten* (*Nodipecten*) *nodosus* (L.)
- Ostrea arborea* (Chemnitz)
- Phacoides pectinatus* (Gmelin)
- Cardium* (*Tachycardium*) *muricatum* (L.)
- Amianthes purpurata* (Lamark)
- Anomalocardia brasiliensis* (Gmelin)
- Tegula viridula* (L.)
- Neritina virginea* (L.)
- Littorina nebulosa flava* (King & Broderip)
- Cerithium atratum* (Born)
- Strombus pugilus* (L.)
- Phalium granulatum* (Born)
- Cymatium* (*monoplex*) *parthenopeum* var. *Solis*
- Murex* (*Siratus*) *senegalensis* (Gmelin)
- Thais Hemastoma* (L.)
- Olivancilaria brasiliensis* (Chemnitz)
- Olivella* sp.
- Conus carcellesi* (Martins)
- Bulla Occidentalis* (A. Adams)
- Strophocheilus ovatus* (Müller)

NÍVEL C: É o estrato que fica abaixo das conchas.

Este estrato, intermediário entre as conchas e a areia pura, que serve de embasamento à jazida arqueológica, apresenta espessura de dez a vinte centímetros.

Nas zonas de sepultamentos pode, no entanto, alcançar até cem centímetros de espessura.

É composto de terra preta com muita areia, conchas trituradas e algumas conchas isoladas. A porcentagem de areia, neste nível, vai gradualmente aumentando de cima para baixo. De acordo com

a porcentagem de areia muda também a cor, passando da tonalidade amarelo-escura para amarelo-clara da areia pura.

O nível C é extremamente pobre em cerâmica, ocorrendo apenas esporadicamente algum fragmento.

Nenhuma cerâmica foi encontrada associada a algum fragmento.

Igualmente pobre revela-se o nível C, quanto ao material lítico, sendo raros os machados, tambores e outros objetos de adorno, ou lascas de diabásio e quartzito que nele ocorrem.

O material ósseo é algo mais abundante, não atingindo, contudo, em restos de cozinha, o teor do nível B.

Além de pedras corantes vermelhas, de hematita decomposta, ocorrem, no nível C, verdadeiros núcleos de ocre vermelho. Um deles foi cimentado e trazido ao museu.

Verificam-se, neste nível, outrossim, freqüentes e espaçados aprofundamentos cônicos da camada arqueológica dentro da areia. Estes aprofundamentos possuem dez a vinte centímetros de diâmetro e podem atingir até noventa centímetros de profundidade.

Tomamos estas evidências por postes e estacas decompostas. A ocorrência destes postes, na área dos sepultamentos, sugere a hipótese de sepultamentos localizados no chão de habitações rudimentares.

A quantidade destas estacas, no entanto, é tão grande, que não permite tentar reconstrução de alguma habitação. Do outro lado, parece indicar ocupação prolongada do mesmo sítio, com sucessivas reconstruções de habitações muito simples no mesmo lugar.

Quando o nível C se aprofunda muito dentro da areia, que lhe fica por baixo, é preciso muita cautela no manejo da ferramenta, porque geralmente se trata de algum sepultamento. Conchas isoladas e esporádicas ocorrem em todos os níveis.

b. — Nas áreas **sem nível de conchas**, os três níveis se confundem e não existe estratificação nítida. A camada arqueológica, de cima para baixo, vai adquirindo cor cada vez menos escura, até tomar a cor amarelo-clara da areia pura.

5. FOGÕES

No setor 7-D, a trinta centímetros de profundidade, sobre a areia, registrou-se a presença de um fogão, formado por uns vinte seixos de dez a vinte centímetros de comprimento, na maioria de diabásio, juntados em superfície circular de uns cinquenta centímetros de diâmetro. Junto a este fogão constatou-se a presença de abundante carvão vegetal e cinzas.

Ao todo foram registrados passante de vinte fogões semelhantes, espalhados sobre toda a superfície da Jazida.

A maioria, porém, era formada exclusivamente de seixos de granito, alguns maiores, outros menores.

Fornos Subterrâneos

No setor 8-A, à profundidade de trinta centímetros, defrontamos, pela primeira vez, com novo tipo de evidência arqueológica.

Tratava-se de um núcleo de cinza, de uns trinta centímetros de diâmetro, por uns dez a quinze centímetros de espessura.

No decorrer das escavações foram localizados, ao todo, passante de trinta formações semelhantes.

Ocupavam superfícies variáveis, que, em alguns deles, alcançavam cinquenta centímetros de diâmetro.

Estes núcleos de cinza apresentavam consistência muito maior que a terra areenta do nível C, em que se situavam.

Possuíam geralmente forma de recipientes irregulares e achavam-se repletos de conchas, ossadas de peixes, aves e pequenos mamíferos e, não raro, de seixos tratados pelo fogo e carvão.

Presumivelmente o índio abria uma cova na areia e colocava dentro dela a caça e o pescado, talvez envoltos em fôlhas, cobrindo tudo com cinza, brasas e algum pedregulho, aquecido ao fogo.

Possivelmente estas formações não passam de uma forma de forno polinésico, que, segundo Rivet, está em uso no Chile, Peru e México e que Mme. Annette Laming-Emperaire encontrou também no Sambaquí de Guaraguaçu, no Estado do Paraná. (1)

6. OS SEPULTAMENTOS DA TAPERA

a. — Mortalidade Infantil

Distribuídos sobre uma área de seiscentos e oito metros quadrados, foram registrados na Tapera cento e setenta e dois sepultamentos.

Noventa e três são de adultos e setenta e nove de infantes. Infere-se daí uma **mortalidade infantil elevadíssima**.

Naquelas rudes e primitivas condições a sobrevivência era privilégio de indivíduos dotados, pela natureza, de compleição física muito robusta.

Normalmente os esqueletos encontram-se sepultados em cova rasa, aberta na areia, que serve de base à jazida da Tapera. Acham-se em posição horizontal, estendidos ao comprido, com as mãos junto à bacia, em decúbito ventral, lateral ou dorsal. A direção oscila ao redor de norte-sul.

Estão cobertos com areia e terra preta, de mistura com conchas, cinzas e carvão vegetal.

Quando, excepcionalmente, encontramos algum esqueleto dentro da camada preta ou no nível das conchas, trata-se de indivíduos mal conservados ou perturbados; i. é, retirados do seu jazigo original.

(1) Annette Laming em "Origem do Homem Americano", II Encontro de Intelectuais em São Paulo, 443 e 445.

b. — Estado de Conservação

É assaz conhecido o estado precário de conservação dos esqueletos encontrados nos sambaquis.

Em passante de cem caveiras de sambaquis, estudadas por Imbelloni, no dizer dêle, pouquíssimas teriam permitido medição **direta** da capacidade craniana (2).

Os esqueletos da Tapera, ao invés, são encontrados em muito bom estado de conservação, exceto aqueles, que sofreram alguma perturbação posterior ao sepultamento.

Temos trinta e sete crânios da Tapera, em que desnecessária se tornou qualquer reconstituição. Igualmente perfeitos são os crânios de outros sete sepultamentos cimentados e trazidos ao museu tais quais foram encontrados.

Esta conservação, de primeira ordem, permite observar e descrever uma série de detalhes, que jamais se observariam em sepultamentos de sambaquis.

Fatores vários tem concorrido para favorecer a conservação dos esqueletos. O lençol compacto de conchas e terra preta, no terreno em leve declive, dificilmente permitiria, às águas da chuva atingirem os esqueletos.

E quando, vez por outra, atingidos, não ficariam encharcados durante muitos dias, porque a água filtraria rapidamente através da areia permeável, que abriga os esqueletos.

Do outro lado, as conchas em decomposição, forneceriam suficiente alcalinidade, para neutralizar a acidez do solo, responsável pela decomposição dos ossos.

Devido a isto, até esqueletos de crianças de poucos meses de idade, encontram-se surpreendentemente bem conservados. Cimentado "in loco" e exposto no museu, um dêles está a testemunhar o ótimo estado de conservação dos esqueletos.

c. — Distribuição Geral

Escreve o P. Edgar Schmidt, Missionário do Mato Grosso, em carta datada de 5 de julho de 1965: "Acabo de voltar de uma visita aos índios Caiabi.

Irrompera entre êles uma epidemia de sarampo.

Encontrei-os mergulhados em profunda tristeza e desânimo.

Dez pessoas já haviam morrido e as choupanas, aliás repletas de artefatos e objetos de adorno, achavam-se vazias.

Quando morre um membro da família, fazem o sepulcro precisamente no local, sobre o qual achava-se estendida a sua rede de dormir e sepultam, junto com o defunto, todos os seus pertences.

(2) Imbelloni "Sobre los Construtores de Sambaquí" Anais do XXXI Congr. de Americanistas, pp. 968.

Às vezes dão vasamento ao seu luto de maneira ainda mais drástica. Os parentes mais chegados ao defunto, renunciam ao objeto de maior estimação ou que mais falta lhes vai fazer.

Um inutiliza uma grande bacia, outro mata a sua arara de estimação, terceiro sacrifica o seu cachorro etc."

Vemos daí que, ainda hoje em dia, persiste, entre aquêles indígenas, o hábito de sepultarem os defuntos no chão das próprias habitações.

Admitimos que os sepultamentos dos homens da Tapera também se efetuassem dentro da própria maloca, ao redor das paredes.

A planta topográfica nos apresenta uma série de núcleos circulares e semicirculares de sepultamentos.

Alguns núcleos inclusive têm fogões no centro e existe uma abertura no círculo de sepultamentos.

Esta abertura representaria a porta da maloca, sob a qual, evidentemente, não se fariam sepultamentos.

Algumas vezes parece ter havido reconstrução de malocas sucessivas no mesmo lugar. Em decorrência disto, os círculos e semicírculos de sepultamentos acham-se um tanto perturbados e misturados.

d. — Profundidade

A profundidade dos sepultamentos oscila de vinte a cento e dez centímetros, a partir do nível do solo.

Os sepultamentos N.ºs 45, 46 e 47 tinham profundidade mínima de dez a quinze centímetros. Apesar disto foram encontrados em bom estado de conservação.

Os sepultamentos N.ºs 41 e 43, com oitenta, respectivamente cento e dez centímetros, bateram o recorde de profundidade.

De resto, cumpre frisar que a maior ou menor profundidade do sepultamento nada tem a ver com a maior ou menor idade do mesmo.

Casos há em que sepultamentos mais profundos, atravessaram e perturbaram sepultamentos menos profundos e, evidentemente, apesar de mais profundos, são mais recentes.

É êste, entre outros, o caso dos sepultamentos N.ºs 131 e 135. Estes dois sepultamentos encontrados, respectivamente, a oitenta e setenta centímetros de profundidade, atravessaram e perturbaram o sepultamento N.º 133, localizado a apenas trinta centímetros de profundidade.

Verifica-se, outrossim, que os sepultamentos, com raras exceções, localizaram-se abaixo do nível das conchas. Ora, em certas áreas da jazida, mais distantes da praia, as conchas afloram diretamente ao nível do solo, formando camadas de dez a vinte centímetros de espessura.

Nestas áreas, os sepultamentos feitos na areia, imediatamente abaixo das conchas, encontram-se em muito pouca profundidade.

É este, entre outros, o caso dos sepultamentos N.ºs 45, 46 e 47.

e. — Posição, Disposição e Orientação

Enquanto na jazida de Caiacanga-Mirim (Base Aérea de Florianópolis), os esqueletos encontravam-se **todos** estendidos ao comprido, em decúbito dorsal, na Tapera temos de preferência decúbito ventral e lateral.

O decúbito lateral direito predomina levemente sobre o esquerdo.

Excepcionalmente encontramos também, algum esqueleto parcial ou totalmente fletido, como é comum nos sepultamentos dos sambaquis.

A orientação dos sepultamentos preferencialmente oscila ao redor de norte e sul.

Via de regra os pés orientam-se no sentido da praia e a cabeça em sentido oposto às águas.

f. — Sepultamentos Perturbados

Fato indiscutível é que houve, muitas vezes, perturbações provocadas por sepultamentos posteriores, nos anteriormente feitos.

Exemplo típico destas perturbações temos nos sepultamentos N.ºs 33, 34 e 35.

Os coveiros pré-históricos, ao abrirem a sepultura para o esqueleto N.º 34, toparam com as extremidades inferiores do esqueleto N.º 33, anteriormente sepultado.

Não se perturbaram com isto; mas, retirando os membros inferiores do esqueleto N.º 33, no lugar deles sepultaram o recém falecido N.º 34.

Mais tarde ainda, morre a criança N.º 35. Abrem uma sepultura e topam com o esqueleto N.º 34 na região dos fêmures.

Não hesitam; mas retiram o fêmur, que lhes fica no caminho e, em seu lugar, sepultam o infante N.º 35, depositando-lhe ao lado o fêmur do sepultamento N.º 34.

A outro exemplo de perturbação, nos sepultamentos N.ºs 131, 133 e 135, já tivemos ensejo de nos referir.

No sítio arqueológico de Caiacanga-Mirim foram registradas perturbações análogas.

7. BARBARISMO, DRAMAS E SELVAGERIAS

Os índios Nambiquaras do Mato Grosso e outras tribos indígenas, ainda hoje em dia sepultam a criança sobrevivente, junto com a mãe falecida, porque desesperam em poder nutri-la.

O P. João Dornstauder SJ., muito a custo conseguiu arrancar das mãos dos coveiros indígenas, uma destas infelizes crianças, que está sendo hoje criada na Missão jesuítica de Diamantino.

Dois sepultamentos da Tapera estão a sugerir prática idêntica de barbarismo.

Trata-se dos sepultamentos femininos N.ºs 3 e 6.

Sepultados em decúbito ventral, cada qual dêles tinha associado o esqueleto de um infante, que vinha descansando, paralelamente sôbre o esqueleto da mãe.

Drama de natureza diferente deixa entrever o sepultamento N.º 150, que tinha associado, junto à bacia, o esqueleto de uma criança nascitua. O esqueleto é de mulher jovem, que presumivelmente morreu no parto.

De gestante é também o esqueleto N.º 76, que igualmente tinha associado o esqueleto de uma criança nascitua.

Provas cabais estão a demonstrar, outrossim, que nem todos os homens da Tapera acabaram os seus dias em santa paz.

Pelo menos três indivíduos, seguramente, foram atingidos por flechadas mortais.

O exemplo mais impressionante é do esqueleto N.º 63.

Alvejado pelas costas, na região lombar, a ponta de flecha, feita de osso longo de algum pássaro, atravessou o centro da medula espinal e ficou cravada na vértebra lombar, com ambas as pontas de fora.

Esta peça, única no gênero, acha-se exposta no Museu do Homem do Sambaqui.

O esqueleto N.º 110 também ostenta uma ponta de flecha óssea, cravada na coluna vertebral.

Atingindo-o do lado esquerdo, a ponta de flecha alcançou a coluna vertebral, ficando cravada em duas vértebras cervicais.

Além desta, tinha duas outras pontas de flecha similares no peito. Êste esqueleto foi cimentado e montado em vitrine no Museu, com as pontas de flecha à vista.

O esqueleto N.º 28, deitado de costas, com a cabeça atirada para trás, o mento verticalmente para cima, um braço levantado, um joelho dobrado, com o pé sôbre a tíbia da outra perna, tinha no peito quatro pontas de flechas de osso de pássaro.

Segundo tôdas as aparências, êste indivíduo foi coberto de terra tal e qual tombara, mortalmente ferido.

Cumpre acentuar, no entanto, que, apesar dêstes sinais evidentes de lutas e violências, não estamos em presença de um campo de batalha.

Isto se deduz, com segurança, dos múltiplos e sucessivos sepultamentos, levados a efeito com grande cuidado; bem como do elevado número de sepultamentos infantis, que não teriam cabimento em um campo de batalha.

8. PATOLOGIA

Em decorrência da falta de resguardo das intempéries, o brasíndio naturalmente estava sujeito a contrair afecções reumáticas.

Afecções estas, capazes de deixarem nos ossos, sinais, que mesmo depois de milênios, ainda podem ser observados.

O esqueleto N.º 146, por exemplo, da Tapera, apresenta anomalias graves nos húmeros.

Estes, em vez da forma globular usual, têm a cabeça achatada e angulosa. Duas falanginhas da mão direita estão conrescidas em ângulo obtuso, atestando um dedo torto.

O fêmur esquerdo apresenta o colo estreitado e a cabeça enrugada e esponjosa.

Afigura-se-nos um homem, que sofresse de artrismo crônico.

Diversos esqueletos, como por exemplo os N.ºs 14, 52 e 91, apresentam exostoses nos ouvidos, isto é, canal auditivo ossificado.

9. ABRASÕES DENTÁRIAS E PATOLOGIA ODONTO-MAXILAR

Segundo o Prof. E. Salles Cunha, da Universidade do Brasil, que estudou a fundo o assunto em foco, "as abrasões dentárias são um denominador comum no homem pré-histórico". (1)

Cita êle nada menos que quatorze autôres, que a elas se referem, usando terminologia a mais variada possível: abrasão dentária; desgaste dentário; dentes desgastados; puição dentária; atrição dentária etc.

Broca classifica as abrasões dentárias em quatro graus:

Primeiro Grau: abrasão, removendo as cúspides. (2)

Segundo Grau: abrasão, removendo o têrço oclusal da coroa.

Terceiro Grau: abrasão, removendo o têrço médio da coroa.

Quarto Grau: abrasão, estendendo-se à gengiva e além.

As abrasões dentárias, tanto nos esqueletos da Tapera, como de Caiacanga-Mirim, são verdadeiramente impressionantes e saltam aos olhos até às pessoas completamente leigas no assunto.

Abrasões do primeiro grau já se manifestaram nitidamente em esqueletos de crianças.

A mandíbula N.º 81, de infante de apenas dois a três anos de idade, tem a superfície dos molares perfeitamente lisas, em decorrência do desgaste.

(1) "Abrasões dentárias no Homem do Sambaqui" Prof. E. Salles Cunha, pg. 1.

(2) Idem, ibidem.

De sessenta dentaduras de adultos, procedentes da Tapera, e susceptíveis de observação e estudo, tôdas, sem excepção, apresentam abrasões dentárias.

Em trinta e três delas as abrasões chegam ao quarto grau e em cinco apenas as abrasões não passam do primeiro grau.

As abrasões do terceiro e do quarto grau são de conseqüências trágicas. Em vinte e cinco destes indivíduos há evidência de perda de dentes "in vivo". Em outras vinte observamos começo de rejeição dos dentes.

A perda dos dentes tem como conseqüência o depauperamento e a regressão da mandíbula e do maxilar superior. Em vinte e seis crâneos esta regressão mandibulo-maxilar provocou deformação acentuada do rosto e abaixamento do índice facial.

Em dez crâneos a regressão chegou ao extremo de estreitar a mandíbula, possivelmente à metade do seu volume original.

Abcessos, cistos, granulomas ósseos e nervos expostos em grande número de dentes, atestam todo um cortejo de dores e sofrimentos, daquêles pobres seres humanos, destituídos dos recursos médicos indicados para o caso.

É de notar, porém, que, apesar de tôdas as afecções dentárias, que os acometiam, não ocorrem cáries dentárias, como observamos em dentes de esqueletos indígenas, encontrados em grutas do interior do Estado de Santa Catarina.

A maioria, no entanto, ostenta abundante tártaro, incrustado nos ossos.

10. ESTATURA DOS HOMENS DA TAPERA

Determinando a estatura de cinquenta indivíduos, segundo o método de Manouvrier, pela medição de ossos longos, obtivemos os seguintes resultados aproximados.

A estatura de vinte e seis indivíduos oscila de metro e sessenta a metro e sessenta e nove.

Onze têm estatura oscilando entre metro e cinquenta e cinco e metro e cinquenta e nove.

Em nove a estatura oscila de metro e cinquenta a metro e cinquenta e cinco.

Em três restantes a estatura fica abaixo de metro e cinquenta.

O esqueleto, quando deitado na areia, desnudo de carne, impressiona vivamente pelo comprimento avantajado dos ossos longos.

Em decorrência disto os operários, tanto do sítio de Caiacanga-Mirim, como de outros sítios arqueológicos, não se cansavam em salientar o "enorme" comprimento das ossadas, que encontravam.

Aplicando, porém, a fita métrica, todos estes exageros, reduzem-se às suas justas proporções; isto é, estatura normal, antes baixa, que alta.

11. HABITAÇÃO E ALIMENTAÇÃO

Admitindo que os homens da Tapera sepultassem os seus falecidos dentro de casa, ao longo das paredes, como sugerem os esqueletos dispostos em círculos e semicírculos, podemos imaginar também de alguma maneira, a configuração das suas casas.

Tratar-se-ia de espaçosas malocas, de forma arredondada, com cinco a dez metros de diâmetro, formadas de paus-a-pique.

Estes paus ou postes, mais altos no centro da maloca, decresceriam em altura em direção à periferia da mesma e estariam ligados entre si por meio de varais, partindo do centro em forma de raios, amarrados por liames de cipó e cobertos com folhas de palmeira.

As portas dariam para a praia, de vez que para aquele lado geralmente os semicírculos dos sepultamentos estão abertos.

Uma maloca destas, com certeza, abrigaria mais de uma família e os postes livres do interior da maloca poderiam servir para suspender redes de dormir e outros apetrechos de caça e pesca.

Se na reconstituição da habitação do homem da Tapera pisamos terreno algo inseguro, o mesmo não acontece ao examinarmos a sua alimentação.

Estão aí fartos "restos de cozinha" a orientar-nos os passos.

A alimentação racional forçosamente deverá incluir os três elementos básicos: proteínas, gorduras e carbo-hidratos.

É fato, aliás conhecido, que a falta de proteínas ou albuminas, são a causa principal da subnutrição de muitos povos da atualidade.

Neste particular os nossos selvícolas levavam vantagem. A mesa deles estava superabundantemente abastecida de proteínas.

Uma das principais fontes de proteínas é a carne.

Ora, encontramos nos detritos, deixados pelos habitantes da Tapera, muitas toneladas de cascas de moluscos, vários metros cúbicos de ossadas de peixes e de caça de tôdas as espécies.

Tanto os moluscos, como a carne de peixe e de caça, abasteceria a mesa do homem da Tapera de abundantes proteínas. A gordura dos animais e peixes proveria igualmente as suas necessidades de glicerídios.

Mais difícil, porém, se lhes tornaria abastecerem-se de Carbo-hidratos, que são precisamente aqueles alimentos, que nós consumimos em maior abundância, no pão, nos cereais, nas frutas e em tôda a sorte de confeitos e pratos açucarados.

No entanto, como o povo da Tapera já conhecesse a técnica da manufatura de vasos de cerâmica e machados de pedra, possivelmente tivesse também conhecimento da agricultura incipiente. Sabemos que a mandioca, cultivada pelos guaranis e outros índios da Conquista, lhes fornecia alimentos ricos em carbo-hidratos e até a base para o fabrico de uma bebida alcoólica: o caxiri.

De qualquer forma, numerosas são as espécies de abelhas silvestres. E o mel é deliciosa fonte de hidratos de carbono.

Tôdas as tribos indígenas, além disto, eram hábeis coletores de frutas silvestres. Estas, a par de carbo-hidratos, lhes forneciam, também, as diversas vitaminas, aquêles ingredientes mais raros, que não podem faltar de todo na alimentação sadia.

12. CIMENTAÇÃO E ENCAIXOTAMENTO DE SEPULTAMENTOS, COM BLOCOS-TESTEMUNHA DOS PERFIS ESTRATIGRÁFICOS

Durante as nossas escavações na Base Aérea de Florianópolis, em 1958, tentamos engessar sepultamentos, segundo o método usual de sacos, alternados com camadas de gesso. Fomos, no entanto, mal sucedidos, com aquelas ossadas extremamente frágeis.

Em vista disto, na Tapera, resolvemos recorrer a outro expediente, com o fim de trazer ao museu alguns esqueletos, em sua posição originária, junto com blocos testemunha, dos perfis estratigráficos do sítio arqueológico.

Este método consiste em **cimentar** os sepultamentos.

A experiência tem sido feita com esqueletos sepultados na areia e envolvidos com humus misturado com conchas. Nêstes sepultamentos o método tem aprovado perfeitamente.

Esqueletos, os mais friáveis, que certamente se desmanchariam por completo, caso se tentasse retirá-los sem tratamento especial, uma vez cimentados, têm sido encaixotados e transportados, com grande segurança, chegando ao seu destino, tais quais foram encontrados.

Em agosto de 1966, integrando um Seminário de Arqueologia, organizado pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade do Paraná, orientado pela eminente Prof. da Sorbonne, Anette Laming-Emperaire, tivemos ensejo de cimentar, com sucesso, um sepultamento, encontrado num **sambaqui** da Ilha das Rosas. Este esqueleto acha-se exposto no Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá.

A bem da Arqueologia julgamos oportuno descrever detalhadamente o nosso método de salvar esqueletos pré-históricos.

a. — Cimentação

Servindo-nos de uma espátulazinha ou faquinha, feita de bambu* e de um pincel, preliminarmente limpamos cuidadosamente o esqueleto, até deixar sobressair suficientemente a ossada do substrato.

Por meio de táboas, enterradas ao redor do esqueleto, demarcamos, a seguir, a largura e o comprimento do bloco a ser cimentado.

*) O uso da faquinha de bambu (em vez de faca metálica), foi-nos ensinado pelo eminente Prof. de Antropologia da Universidade do Brasil e Diretor do Museu Nacional, Dr. Luiz de Castro Faria. Faca metálica facilmente arranha os ossos, o que não acontece com faca de madeira que possui a dureza dos ossos.

Depois espalhamos, dentro desta caixa provisória, abundante cimento, evitando, o mais possível, sujar os ossos com o cimento.

Com faquinhas de bambu, misturamos cuidadosamente a terra areenta, o humus e as conchas com o cimento, ao redor dos ossos e o mais possível por baixo do esqueleto, tomando o máximo cuidado em não deslocar os ossos.

É preciso não poupar cimento, misturar bem, procurar chegar por baixo do esqueleto, sem prejudicá-lo. E não ter pressa!

Para maior segurança costumamos estender, dentro da mistura, de ambos os lados do esqueleto, um arame. Igualmente passamos uma série de arames transversais pelo bloco, sem ferir os ossos.

Depois de cobrir ainda toda a mistura com fina camada de cimento, humedecêmo-la com água suficiente para dar boa liga e calçamos a mistura.

Calcando e socando cuidadosamente a mistura ao redor dos ossos, obtemos boa liga entre o cimento e o substrato. O esqueleto como que descansará sobre o bloco.

Passadas 6 a 8 horas, é aconselhado molhar, **periódicamente**, a mistura, já endurecida, com abundante água.

O bloco deverá ficar em repouso pelo menos durante dois dias, melhor é deixá-lo em repouso durante uma semana.

Para este fim, cobrimo-lo com uma caixa adequada e cobrimo-lo novamente com terra.

b. — Encaixotamento do esqueleto cimentado

A cimentação de esqueletos propriamente não constitui grande problema. Mais complicado é o encaixotamento dos mesmos, particularmente em se tratando de esqueletos de adultos, estendidos ao comprido.

Para isto mandamos preparar uma caixa capaz de abranger o bloco com o esqueleto.

É **essencial** nesta caixa, que tenha os lados **aparafusados** e o **fundo composto** de taboinhas, com comprimento máximo de uns 30 centímetros cada qual.

Chegados ao campo, preliminarmente estendemos de cada lado, ao longo do bloco, dois fortes sarrafos, nivelando-os como guias. Estas guias, devem entrar dois a três centímetros debaixo do bloco.

Desparafusamos a caixa, destinada a receber o esqueleto.

Feito isto, começamos por retirar o substrato de sob a caveira do esqueleto e empurramos por baixo dela, sobre as guias, a primeira taboinha do fundo da caixa. Ajustada esta taboinha na posição certa, tornamos a apoiá-la firmemente, calcando material do substrato por baixo e por cima, firmando novamente todo o bloco.

Fazemos, a seguir, um túnel sob o bloco, a partir da primeira taboinha já colocada, até conseguirmos empurrar sob o bloco segunda taboinha do fundo da caixa.

Ajustada e firmada esta, fazemos nôvo túnel, colocando terceira taboinha do fundo, e assim por diante.

Após colocada uma taboinha, torna-se necessário ajustar, de cada vez, os lados da caixa para verificar se ficou na posição e orientação certa e se permite aparafusar os lados.

Terminada esta tarefa, veremos o bloco com o esqueleto, colocado sôbre o fundo da caixa, sem tê-lo movido um centímetro do lugar e sem ter mexido em osso algum.

Basta aparafusar os lados da Caixa e teremos o nosso esqueleto encaixotado, em perfeito estado. Tendo sido bem feita a liga, o bloco pode ser tão pouco espesso, que duas pessoas levantam facilmente a caixa e, contudo, tão resistente que, o transporte pode ser feito por meio de qualquer veículo, como seja: barco, caminhão etc.

Pelo mesmo método cimentamos também fogões indígenas, fornos polinésicos etc.

c. — Encaixotamente de blocos-testemunha dos perfis estratigráficos

Uma série de sepultamentos da Tapera foram trazidos ao museu, acompanhados de blocos-testemunha dos perfis estratigráficos, capazes de darem uma idéia exata da natureza do sítio arqueológico.

Êstes blocos tinham a espessura de 25 a 30 centímetros.

Para retirar êstes blocos-testemunha, mandamos preparar caixa do comprimento, da largura e espessura do bloco, que desejamos retirar. Esta caixa tem aberto, apenas, o lado estreito, que corresponde à parte inferior do bloco-testemunha a retirar.

Facetamos cuidadosamente o bloco, até reduzi-lo ao tamanho da caixa e emborcamos esta por cima do bloco.

Colocamos ao longo do fundo aberto da caixa duas guias e por cima destas cortamos o bloco, rente à caixa, por meio de uma guilhotina em forma de lâmina cortante de ferro, cuja superfície deve ser maior que o fundo da caixa. Esta lâmina fazemos entrar a golpes de martelo por baixo do bloco.

Feito isto, podemos tomar a caixa, segurando firmemente a lâmina contra o fundo da caixa. O bloco, estando apoiado de todos os lados, não poderá desmanchar-se.

Em se tratando de blocos-testemunha de camadas arqueológicas de espessura maior que um metro, êstes deverão ser retirados por partes e montados a seguir, um sôbre o outro, no laboratório.

Será problema mais delicado, mas, com paciência e boa vontade, também praticável. O êxito dependerá muito da consistência do material. Em certos casos poderá ser aconselhado molhar as camadas, para aumentar-lhes a consistência. Antes de montá-los novamente em vitrine, será necessário deixar secar os blocos-testemunha, durante meses.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO DE ITAPIRANGA ÀS MARGENS DO RIO URUGUAI, FRONTEIRA COM A ARGENTINA *

I) INTRODUÇÃO

De 27 de abril a 1 de junho de 1966 tivemos ensejo de empreender uma viagem de prospecção de Sítios Arqueológicos no Município de Itapiranga, às margens do Rio Uruguai.

Chegando a Itapiranga, já no mesmo dia entramos em contato com as pessoas mais indicadas para orientar-nos na pesquisa projetada.**

Tivemos, também, prontamente informações as mais auspiciosas, referentes a grande número de sítios e achados arqueológicos.

Breve nos convencemos de que o Rio Uruguai representa importante rota pré-histórica e as suas margens constituíam verdadeiro eldorado para os povos primitivos, que, em riquezas arqueológicas, pode ser equiparado à zona litorânea.

Este fato é devido à configuração particular daquêlê grande manancial, que em Itapiranga possui uns 800 metros de largura.

Alternam-se, em seu leito, poços de dezenas de metros de profundidade com inúmeras e extensas corredeiras, ricas em pescado, nas quais a rocha diabásica aflora à tona da água e o Rio pode ser atravessado a pé, exceto no profundíssimo canal, de uns 10 a 15 metros de largura.

Ouve-se, de longe, o estrondo das águas, que nas corredeiras precipitam-se rápidas, por entre os diques de basalto, lembrando o ronco do mar grosso de encontro às rochas da praia.

Durante as grandes enchentes o Rio sobe muitos metros acima do nível normal, tornando-se então completamente silencioso.

* Viagem de prospecção de Sítios Arqueológicos custeada pela D. P. H. A. N. (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), de 27-4-66 a 1-6-66.

** Deixamos aqui consignados os nossos sinceros agradecimentos aos Srs. Ludgero Wiegert, Prefeito Municipal, Wilibaldo Stuelp, Diretor da Caixa Rural e Ervino Jaeger, Diretor da Rádio-Itapiranga.

Durante as grandes enchentes de setembro de 1965, as águas se elevaram a 13 metros, carregando no seu dorso, casas inteiras, com as antenas do rádio ainda erguidas.

Inúmeros grandes e pequenos afluentes, densas e vastíssimas selvas, margeando o Rio de ambos os lados, contribuíam, da sua parte, para tornar o ambiente e as condições ecológicas particularmente favoráveis e atraentes para os povos primitivos, abastecendo o seu arraial de caça variada e abundante.

Do outro lado do Rio Peperi-Guaçu, que forma a divisa internacional com a vizinha República da Argentina, existe, ainda hoje, extensa faixa de mata-virgem de 80 km de largura, onde se encontra toda a espécie de caça, inclusive antas, pumas e jaguares.

No vizinho Município de Tenente Portela existe grande toldo de índios, de umas duas mil almas.

Denominam-se "Coroados".

As mulheres são muito hábeis no fabrico de balaies, que vendem aos colonos. Os homens bebem muita cachaça.

Diversas vezes encontramos componentes daquele toldo, errando pelas estradas de Itapiranga.

Passam a noite deitados ao pé de uma árvore, a cuja sombra, de dia, as mulheres se entregam ao fabrico de cestaria.

II) O MUNICÍPIO DE ITAPIRANGA

1. Situação Geográfica

O Município de Itapiranga é uma das unidades mais ocidentais do Estado de Santa Catarina. Limita, por sua parte oeste, com a República Argentina numa linha de 85 km, representada pelo Rio Peperi-Guaçu.

A divisa com o Rio Grande do Sul é representada pelo Rio Uruguai, numa extensão de 45 km.

Está enquadrado pelos seguintes paralelos e meridianos.

Norte: 26°57' de latitude sul

Sul: 27°12' de latitude sul

Leste: 53°31' de longitude oeste de Greenwich

Oeste: 53°50' de longitude oeste de Greenwich.

O Município fica contido na zona temperada do sul, que lhe proporciona boas condições climáticas.

2. Orografia e hidrografia

O Município abrange uma área de 582,06 km². É todo de caráter montanhoso, com vales estreitos e férteis. O terreno conserva a sua fertilidade em decorrência do diabásio em franca e intensa decomposição.

As diferenças de altura relativas são de 350 metros, aproxima-

damente. A altitude média do Rio Uruguai, na Cidade de Itapiranga, é de 185 metros.

O Rio Uruguai, dentro do Município de Itapiranga, é engrossado por uma série de rios e arroios, destacando-se entre eles o Rio Peperi-Guaçu e o Rio Macaco Branco; os arroios Macuco, Fortaleza e Dourado.

O Rio Uruguai não é navegável por embarcações maiores, a não ser durante as grandes enchentes, devido às inúmeras corredeiras e baixios. Também as balsas dos madeireiros aproveitam-se das enchentes para rumarem destino à Argentina. Muitas delas, porém, manobradas por mãos menos hábeis, arrebenham-se de encontro aos pedrões e barrancos íngremes do Rio.

As canoas dos pescadores e os botes ligeiros do índio, em qualquer época, conseguiriam singrar as águas piscosas do grande Rio.

A região, durante o período do inverno, está sujeita a geadas e neveiros. Os neveiros são da ordem de 76 dias por ano.

3. Histórico

O Município de Itapiranga foi fundado em 1926 pelo Jesuíta P. João Rick, na qualidade de Presidente da Sociedade União Popular (Volksverein), como núcleo de colonização de descendentes alemães, procedentes do Rio Grande do Sul.

Começada a quarenta anos na estaca zero, em plena mata-virgem, às margens do Rio Uruguai, a sede ostenta hoje majestoso templo, Colégio de Irmãs, Colégio de Irmãos, Hospital, Rádio-emissora, energia elétrica, água encanada, telefone, duas casas bancárias, comércio e lavoura fluorescentes.

A passagem sobre o Rio Uruguai, ligando Rio Grande do Sul a Santa Catarina, ainda está sendo feita a balsa. A ponte sobre o Rio Uruguai está projetada.

Rick foi um sábio de fama internacional, especialista em Micologia. No entanto, na escolha da sede para a nova colônia de Itapiranga (ex-Pôrto Novo), não foi de todo feliz.

As condições topográficas da sede, bem como de todo o Município, não são muito favoráveis. O terreno é acidentado e rasgado de inúmeros córregos, lajeados e sangas.

As roças estão saturadas de seixos de diabásio em decomposição, dificultando a lavoura. Os morros geralmente descem íngremes até as águas do Rio, deixando pouca margem a vargens e planícies férteis.

O barro vermelho escuro, em tempo de estiagens, forma densas nuvens de poeira, que tingem as roupas do viajante.

No entanto as terras são férteis, o povo é laborioso e a lavoura relativamente florescente.

Infelizmente, por falta de boas estradas e devido à enorme distância dos grandes centros de consumo, os preços dos produtos agrícolas, para o produtor, são pouco compensadores.

III) A REALIDADE ARQUEOLÓGICA DE ITAPIRANGA

Restringimos as nossas pesquisas à margem direita do Rio, de vez que a margem esquerda faz parte do Estado do Rio Grande do Sul, que não nos compete inspecionar.

De acordo com informações colhidas dos sítiantes, a margem esquerda seria menos rica em sítios arqueológicos.

Preliminarmente as nossas buscas se orientavam pelas informações referentes à ocorrência de material arqueológico nos pastos, roças e terreiros.

Com pouca demora, porém, verificamos que, à semelhança da zona litorânea, também aqui o índio manifestava preferência inequívoca pela desembocadura dos rios, arroios e córregos, as quais, em decorrência disto, passamos a submeter a rigorosa inspecção.

De fato, com raras exceções, onde quer que um curso de água perene se lança no Rio, aparecem vestígios de ocupação indígena.

Quando a desembocadura tem lugar próximo à corredeira do Rio, o sítio arqueológico apresenta-se particularmente vasto e rico, testemunhando período mais longo de ocupação e maior densidade demográfica.

Os arroios e córregos abasteceriam o acampamento de água límpida e potável e a corredeira, ainda hoje em dia, é o lugar mais rico em pescado.*

O leito do grande Rio era a estrada real das migrações dos povos primitivos.

Ainda em tempo histórico as bandeiras paulistas não raro desciam o Rio Uruguai e a última bandeira, contando aproximadamente três mil almas, foi desbaratada pelos índios das reduções jesuíticas, sobre o Rio Uruguai, na desembocadura do "Mbororé" ou "Rio das Sete Voltas", que se acredita seja o atual Acaraguá.

Um colono, o sr. Clemente Schönhals, durante período de grande estiagem, encontrou no leito do Rio uma espingarda, munida de pederneira e o cano de segunda espingarda, contendo chumbinho; trabucos estes perdidos presumivelmente pelos bandeirantes.

Outros indícios do contato possível com as bandeiras encontramos na Linha Hervalzinho.

Ao abrir roça nova, o sr. Oto Lauschner encontrou na superfície do solo, 8 tembetás (Prancha I, nr. 5), dois pendentes de pedra perfurada do mesmo material que os tembetás, 360 contas perfuradas de pedra azul, branca e verde, de dois a oito mm de diâmetro, asso-

*) Peixes do Rio Uruguai: Dourado (*Salminus curvieri*); Piava (*Leporinus copelandi*); Sorubim (*Pseudoplatystoma corruscans*); Bagre ou Pintado (*Pimelodus clarias*); Traíra (*Hoplias malabaricus*); Tambicú (*Acestrorhynchus hopsetus*); Acará (*Geophagus brasiliensis*); Lambari (*Tetragonopterus rutilus*); Cascudo (*Plecostomus iheringi*) e ainda jundiá, voga, joaninha e outros.

ciados a um anzol de aço, uma lâmina de navalha e um fragmento de vidro.

Por aquêle mesmo lugar passa uma estrada antiqüíssima de quatro metros de largura. Os primeiros colonos encontraram esta estrada, nitidamente delineada, mas invadida pela mata, com árvores de até 50 cm de diâmetro. Deram-lhe o nome de "Estrada dos Bugres". Afirmam que dita estrada estende-se além dos limites do Brasil. A premência do tempo não nos permitiu esclarecer o assunto.

No decorrer de 30 dias de árduo e intenso trabalho, servindo-nos de veículos (jeep), tomados de aluguel, prospeccionamos cinquenta e três sítios, sendo a maioria dêles **sítios tipicamente guaranis**, caracterizados pela cerâmica corrugada, unglada, incisa, escovada, lisa, pintada etc.; machados líticos roliços, confeccionados de diabásio rolado pelas águas e com corte perfeitamente alisado; mãos de pilão roliços, de até 30 cm de comprimento, batedores roliços, lascas cortantes de sílex etc.

Tivemos informações da existência de muitos outros sítios arqueológicos que se espalham Rio Uruguai acima, pelos municípios de Mondai, São Carlos, Palmitos e Chapecó. Devido à premência do tempo, nem sequer nos foi possível completar o levantamento de sítios do Município de Itapiranga, particularmente ao longo do Rio Peperi-Guaçu.

Nas zonas afastadas dos Rios, mais para o interior do Município, parece não existirem sítios arqueológicos.

Na superfície do solo a presença do sítio é revelada pela existência de manchas escuras, entremeadas das carapaças de um gastrópode do Rio (*Ampullaria gigas*), cerâmica e outros artefatos supracitados. Estas manchas, podem atingir 25 metros de diâmetro; evidentemente, são decorrentes de fogueiras acesas, no mesmo lugar, durante longos períodos.

Fizemos sondagens, de uns 250 centímetros quadrados, em algumas destas manchas, constatando uma espessura de vinte e cinco a trinta centímetros.

Em uma delas, ocorreram dois aprofundamentos, de uns trinta centímetros de largura, que em profundidade ultrapassavam um metro. Não encerravam, porém, cacos de vasos quebrados, mas apenas aquêles vestígios de carvão e humus escuro, que contrasta vivamente com o barro vermelho característico da região.

Em muitos sítios a lavoura, com decênios de intenso amanho da terra, já apagou, quase por completo, as evidências das manchas escuras; em outros sítios estas evidências estão de todo camufladas pela vicejante grama dos pastos.

Em trinta e três sítios, por nós visitados, foi constatada a presença de igaçabas, cujo número ultrapassa de 160 unidades. Acima de 40 igaçabas continham restos de esqueletos humanos. Houve, entre êles, esqueletos completos, em bom estado de conservação.

Passando o arado pela primeira vez "o solo estourava de panelas de bugre e os bois afundavam com as pernas dentro delas", era esta uma versão comum, ouvida por nós da boca dos colonos mais antigos.

Em vista da enorme distância Florianópolis—Itapiranga, acima de mil quilômetros, e das dificuldades de transporte, via Pôrto Alegre ou via Curitiba, de início estávamos determinados a não fazer escavação alguma.

Presenciando, porém, belas e enormes urnas funerárias, semi-expostas nas roças, todos os bons propósitos ruíram por terra.

Escavamos ao todo cinco urnas funerárias e recebemos outra por doação. Três eram de grande tamanho; duas de tamanho médio e uma de tamanho pequeno.

Tôdas possuíam tampa. Uma estava inteira; duas tinham apenas as bordas quebradas, mas os fragmentos todos presentes.

As tampas estavam tôdas quebradas e apenas uma estava completa, apresentando possibilidade de reconstituição.

Uma das urnas de tamanho médio deixamos para o incipiente Museu Arqueológico de Itapiranga. As outras despachamos, junto com o outro material de superfície recolhido, ao Museu do Homem do Sambaqui de Florianópolis, onde as urnas foram reconstituídas.

Os tamanhos das urnas são os seguintes:

Urna funerária	Altura	Diâm. da bôca	Diâm. do bôjo
N.º 1 (Prancha III, 1)	76 cm	58 cm	78 cm
N.º 2 (Prancha III, 2)	68,5 cm	67 cm	79 cm
N.º 3 (Prancha III, 3)	55 cm	57 cm	68 cm
N.º 4	56 cm	40 cm	65 cm
N.º 5 Deixada em Itapiranga, não medida.			
N.º 6 (Prancha III, 5)	21 cm	34 cm	36 cm

A urna N.º 1 continha restos de um esqueleto humano e um tembetá de pedra; a urna N.º 3 continha restos de um esqueleto humano com dois tembetás de pedra; a urna funerária N.º 4, de acôrdo com as informações do doador, continha uma caveira de adulto, com trinta e dois dentes; a urna N.º 6 continha restos de um esqueleto de criança.

A cultura Alto-Paranaense

Datada em 7300 anos (Museu Nacional de Washg. For.)

A grande sensação da temporada foi a descoberta de restos de fogueiras, com abundante carvão, a quatro e até cinco metros de profundidade nas "barreiras", isto é, rampas, onde as olarias se abastecem de barro para o fabrico de tijolos e telhas.

Estas fogueiras vinham associadas a antiqüíssima cultura de pedra lascada, em diabásio vermelho.

Esta cultura foi encontrada também em Misiones, na vizinha República Argentina e descrita pelo Prof. Osvaldo Menghin como "Cultura Alto-Paranaense".

Caracteriza-se por machados "bumerangóides" (semelhantes ao bumerang dos nativos australianos), por picões de cabeça grossa, raspadores, facas laminares muito cortantes, tudo lascado em diabásio vermelho.

Os oleiros costumavam jogar estas lâminas no Rio Uruguai, para não ferirem os pés, porque, no dizer deles, "cortam como vidro".

Recolhemos abundante carvão desta cultura, que desejamos encaminhar aos U. S. A., com o fim de submetê-lo a análise rádio-ativa. Segundo Menghin a cultura alto-paranaense deverá ter idade de uns oito mil anos.

Encontramos a cultura alto-paranaense também em outros sítios, de mistura com a cultura guarani; porém muito mais esparsa.

Um sítio superficial, o Sítio N.º 20, presumivelmente representa a pedreira, onde os "alto-paranaenses" se abasteciam da matéria-prima para os seus artefatos.

É de notar que aquêle diabásio vermelho, de granulação muito fina, fácil de lascar, formando arestas muito cortantes, é pouco freqüente na região. Naquêle sítio encontram-se inúmeros núcleos e lascas atípicas dêste material, espalhados sobre vasta área, não associados à cultura guarani.

Ponta de flecha semelhante a "El Inga"

O Senhor Aloísio Deves, morador da Linha Chapéu, Sítio N.º 23, entregou-nos duas pontas de flecha, encontradas numa mesma roça, ao lavar a terra.

Uma delas é uma ponta de flecha de sílex, com pedúnculo e aletas, de fabricação possivelmente guarani. Nas coleções do Museu do Homem do Sambaqui de Florianópolis existem acima de duzentas pontas de flecha semelhantes a esta.

A outra é uma ponta de flecha pisciforme, de diabásio vermelho-escuro, de granulação muito fina e sem aletas. Possui cinco e meio centímetros de comprimento por dois centímetros de largura máxima (veja Plancha I, 3).

Pontas de flecha semelhantes a esta, foram encontradas no Equador (El Inga) e na Patagônia Chilena (Gruta Fell). Atribue-se àquelas culturas uma idade de oito a dez mil anos.

A fundação de um Museu Arqueológico

Os colonos pouco se importavam com as "panelas dos bugres". Na melhor das hipóteses, delas se serviam para plantar flores e folhagens, ou presentavam com elas a primeira pessoa, que mostrava algum interesse.

No terreiro de três sitiantes vimos igaçabas, funcionando como vasos de flôres.

Era comum recolherem também os artefatos líticos mais expressivos, como sejam machados, mãos de pilão, tembetás etc., que guardavam em sua casa ou no paiol de milho, até serem estraviados pela criança ou serem entregues a um colecionador ambulante.

Não raro o artefato era partido ao meio, para ver se não encerrava algum metal precioso.

Em vista dêste estado de coisas passamos a fazer intensa campanha de esclarecimento pelo rádio, por conferências e palestras, evidenciando que o patrimônio cultural do Município estava sendo leviana e irreparavelmente delapidado.

Conseguimos induzir as autoridades locais a fundar um Museu Arqueológico Municipal, ao qual serão recolhidos todos os artefatos indígenas, acaso encontrados nas roças, nos campos e nos pastos. Provisoriamente o Museu tem como sede a Caixa Rural, sendo o gerente da Caixa, Sr. Wilibaldo Stuelp, a alma do Museu incipiente.

RELAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE ITAPIRANGA

Damos a seguir a relação sumária dos sítios, por nós visitados, de acôrdo com o fichário do Museu do Homem do Sambaqui de Florianópolis.

Os sítios encontram-se todos no Município Catarinense de Itapiranga, com exceção do Sítio N.º 53, que se situa no vizinho Município de Mondai.

O proprietário anterior de todos os sítios foi a Sociedade União Popular (Volksverein).

A atitude dos atuais proprietários, em relação a pesquisas e escavações futuras, via de regra, é favorável.

Apenas na Linha Glória encontramos leve desconfiança, relacionada com vagas suspeitas e mitos, referentes a tesouros jesuíticos escondidos; desconfiança esta muito mais pronunciada junto às populações caboclas do litoral catarinense.

Nenhum sítio arqueológico de Itapiranga eleva-se acima do nível natural do solo.

A espessura máxima dos sítios de origem guarani geralmente não ultrapassa metro e meio. É esta a profundidade atingida pelas grandes igaçabas. Quando, no sítio, não existem igaçabas enterradas, via de regra, a espessura da camada arqueológica não chega a meio metro. Apenas junto à desembocadura do Rio Macaco Branco, ocorrem espessuras maiores, de até dois metros, devido às terras de aluvião, depositadas posteriormente sobre o sítio.

A cultura alto-paranaense é encontrada nas barreiras das olarias, a uma profundidade de quatro a cinco metros. Parece, porém, não ultrapassar a espessura de um metro. O perfil estratigráfico, nos sítios

de cultura alto-paranaense, nas barreiras das olarias, apresentaria o seguinte perfil estratigráfico:

Nível A 0 - 150 cm — Cultura guarani

Nível B 150 - 350 cm — Nível estéril

Nível C 350 - 500 cm — Cultura alto-paranaense.

Talvez uma pesquisa rigorosa venha revelar a existência de cultura alto-paranaense a partir da superfície até a profundidade de cinco metros.

Na impossibilidade de fazer levantamento topográfico preciso e rigoroso dos sítios individuais, damos apenas a área aproximada, sobre a qual acham-se espalhadas as evidências arqueológicas.

O tipo do solo dos arredores, como já foi declarado supra, é um barro de cor vermelho-escuro.

Em decorrência da lavoura intensa, muitos sítios estão ameaçados de destruição completa.

Na relação dos sítios arqueológicos usamos as seguintes siglas, de acordo com a convenção do Seminário de Arqueologia, na Universidade do Paraná, outubro de 1964:

SC — Estado de Santa Catarina

U — Rio Uruguai

1-53 — Número do sítio na ordem do levantamento feito.

SC-U-1

Proprietário: Instituto de Assistência e Educação S. Canísio.

Localidade: Linha Capela, na Volta do Rio.

Morador atual: Herberto Schoenhals.

Delimitação e descrição do Sítio: Encontra-se do lado esquerdo da desembocadura de pequeno córrego no Rio Uruguai, um pouco abaixo da corredeira Fortaleza. Delimita-se do lado sul pelo Rio Uruguai e do lado oeste pelo córrego.

Área: 1.500 metros quadrados.

Vegetação: Pasto.

Água mais próxima: no Rio Uruguai e córrego, encostados.

Tipo de solo local: Manchas escuras no solo vermelho.

Escavações anteriores: Nos anos de 1959 e 1960 foi feita coleta de material arqueológico pelos alunos do Instituto de Assistência. Este material encontra-se atualmente no Instituto Anchietano de Pesquisas.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica lisa, corrugada, ungulada, pintada de vermelho sobre engobe branco, lascas de ágata e quartzito, esferóides de diabásio (cascalho rolado pelo Rio), alisadores, carvão, ossos e conchas de gastrópodes do Rio.

Observações: É sítio tipicamente guarani. Antes de estar coberto pela grama revelava-se pela presença de manchas escuras na superfície do solo, abundantes conchas e cerâmica.

SC-U-2

Proprietário: Instituto de Assistência e Educação S. Canísio.

Localidade: Linha Capela.

Morador atual: Herberto Schoenhals.

Delimitação e descrição do Sítio: Encontra-se a cem metros do Sítio N.º 1, na encosta do morro, dentro do mesmo pasto.

Área: 600 metros quadrados.

Vegetação: pasto.

Água mais próxima: o Rio Uruguai a cem metros; córrego a 50 metros.

Tipo de solo local: Manchas escuras na superfície do solo vermelho.

Escavações e pesquisas anteriores: Em anos passados houve coleta de material arqueológico por alunos do Instituto de Assistência.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica lisa, pintada de vermelho, com e sem engobe branco, corrugada, unglada, escovada, conchas de gastrópodes fluviais, carvão, lascas de diabásio e sílex.

SC-U-3

Proprietário: Instituto de Assistência e Educação S. Canísio.

Localidade: Linha Capela, na Volta do Rio.

Morador atual: Herberto Schoenhals.

Delimitação e descrição do Sítio: O sítio localiza-se a 200 metros dos sítios N.º 1 e N.º 2; a cem metros do Rio Uruguai, do lado direito do córrego, num pequeno platô, encostado à estrada.

Área: 500 metros quadrados.

Vegetação: Pasto.

Água mais próxima: o Rio Uruguai e córrego a cem metros.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foi quebrada uma igaçaba pelo arado.

Material arqueológico encontrado: Encontramos vestígios de cerâmica guarani, espalhados sobre superfície de uns quinhentos metros quadrados. Foi quebrada uma urna funerária com tampa pelo arado em tempos passados.

Observações: Parece sítio mais pobre e pouco extenso.

SC-U-4

Proprietários: Ernesto Spies e Bruno Frantz

Localidade: Itapiranga.

Morador atual: Ervino Spies.

Delimitação e descrição do Sítio: Trata-se de sítio muito extenso, de 100x200 metros de superfície, encostado ao Rio Uruguai, situado entre duas corredeiras: corredeira Itapiranga e corredeira Guarita.

Área: 20.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto e cana de açúcar.

Água mais próxima: Lagoinha a cem metros e Rio encostado.

Tipo de solo do local: Barro vermelho.

Escavações ou pesquisas anteriores: Ao construir fábrica de tijolos, o dono retirou duas grandes igaçabas, contendo esqueletos e quatro vasos menores.

Material arqueológico encontrado: Abundante cerâmica lisa, unglada, corrugada, pintada de vermelho, lascas cortantes de ágata, abundante carvão, gastrópodes do Rio. Vestígios de cultura "alto-paranaense", machados bumerangóides e facas cortantes de diabásio vermelho.

Observações: Trata-se de jazida muito extensa e muito rica. Há nela superposição de culturas: até metro e meio, cultura guarani e por baixo, a 4 metros de profundidade, cultura "alto-paranaense".

SC-U-5

Proprietários: Afonso Spies e Pôsto Texaco.

Localidade: Itapiranga.

Morador atual: Afonso Spies.

Delimitação e descrição do Sítio: As evidências de manchas pretas na superfície e cacos de cerâmica espalham-se sobre uma superfície de 200x100 metros quadrados.

Área: 20.000 metros quadrados.

Vegetação: grama; pasto.

Água mais próxima: O sítio está encostado no Ribeirão Terezinha e no Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Escavações ou pesquisas anteriores: Dias antes da nossa chegada, ao abrir um valo de esgôto, foi quebrada uma igaçaba contendo restos de esqueleto. Recolhemos cacos da mesma.

Construções e estradas: Olaria e galpão sobre o sítio.

Material arqueológico encontrado: Na olaria de Afonso Spies, onde retiram barro, encontraram uns 10 vasos fraturados. Encontramos muitos cacos, conchas (gastrópodes fluviais), carvão, lascas de diabásio vermelho.

Observação: As olarias não conseguirão demolir toda a área do sítio por ser muito extenso. Tanto o N.º 4, como o N.º 5 encontram-se no Ribeirão Terezinha, de um e do outro lado.

A olaria descobriu uma igaçaba com ossos e muitas manchas de terra preta e conchas.

Toda a beira do Rio, numa extensão de 500x100 metros, está coberta de sítios, um encostado no outro.

SC-U-6

Proprietários: Silvério Claudino Barbjan e Alfredo Schorr.

Localidade: Santa Tereza.

Morador atual: Silvério Claudino Barbjan.

Delimitação e descrição do Sítio: Estende-se numa área de 200x100 metros quadrados.

Área: 20.000 metros quadrados.

Vegetação: Grama.

Água mais próxima: O sítio está encostado ao Rio Uruguai, 200 metros do Arroio Tereza.

Tipo de solo do local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Na retirada de barro para olaria foram estragadas umas 10 igaçabas, contendo esqueletos em bom estado e outros 10 vasos menores.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica lisa, corrugada e unglada, pintada de vermelho. Implementos de cultura alto-paranaense. Muita cerâmica. Nas igaçabas e ao redor delas havia gastrópodes fluviais.

Observações: A cinco ou seis metros abaixo do Sítio Guarani, foi encontrada cinza, carvão e implementos da cultura alto-paranaense na rampa cavada pelo oleiro. Este fato sugere idade muito elevada para esta cultura.

SC-U-7

Proprietário: Inácio Welter e Wilibaldo Stülp.

Localidade: Linha Laranjeira.

Morador atual: Inácio Welter.

Delimitação e descrição do sítio: Numa área de 200x200 metros quadrados.

Área: 40.000 metros quadrados.

Vegetação: Capão de mato; roça de feijão soja.

Água mais próxima: O sítio está encostado aos Rios Macaco Branco e Uruguai e a cinquenta metros do Arroio Laranjeira.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Ao construir uma cancha de Bolão no capão de mato, toparam com uma igaçaba que está recolhida à residência do dono. Batendo no solo dá um som oco; informam ser sinais de mais igaçabas. Não escavamos por falta de tempo e recursos adequados.

Material arqueológico encontrado: Igaçaba de sessenta centímetros de altura e cinquenta centímetros de boca. Não continha ossos. Cerâmica lisa, corrugada, pintada de vermelho, unglada, com carvão vegetal a trinta centímetros.

Grande abundância de lascas da cultura alto-paranaense, ma-

chados bumerangóides, picões, pontas de flecha, facas etc. Gastrópodes fluviais.

Observações: Trata-se de um sítio muito rico de duas culturas diferentes: Guarani e Alto-paranaense.

SC-U-8

Proprietário e morador: Walter Buss.

Localidade: Linha Baú.

Delimitação e descrição do Sítio: A área do Sítio é de 50x50 metros, sobre um morro, a 250 metros da desembocadura de uma sanga, no Rio Uruguai. Entre o Lajeado Laranjeira e Lajeado Baú.

Área: 2.500 metros quadrados.

Vegetação: Roça e macega.

Água mais próxima: Fonte perene a 100 metros.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro com seixos de diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: O dono encontrou uma igaçaba contendo esqueleto de criança com bracelete de contas de pedra azul, verde e branca. Dentro da igaçaba havia um pote menor, contendo esqueleto de peixe.

Material arqueológico encontrado: Encontramos cerâmica guarani, lascas cortantes de ágata e basalto. Foi-nos entregue um machado semi-lunar, perfeitamente alisado com pedúnculo curto (Prancha I, 1). Havia gastrópodes fluviais.

Observações: As características do sítio são manchas escuras no solo de barro vermelho, com gastrópodes fluviais.

SC-U-9

Proprietário e morador: Edgar Paulus.

Localidade: Linha Baú.

Delimitação e descrição do Sítio: Área de 100x50 metros, do lado direito da desembocadura do Arroio Baú no Rio Uruguai.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Grama e árvores frutíferas.

Água mais próxima: Encostado ao Arroio Baú.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro.

Pesquisas ou escavações anteriores: No local foram quebrados uns trinta vasos, entre eles grande número de igaçabas contendo esqueletos. Vimos uma igaçaba enterrada pela metade servindo de vaso de flores.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani, conchas de gastrópodes fluviais, alisadores de cerâmica, batedores, ossos trabalhados.

Observações: As características do Sítio são grandes manchas escuras com conchas, no solo de barro vermelho. O dono julga que ainda há mais igaçabas enterradas no local.

SC-U-10

Proprietário: Ministério da Agricultura e Pôsto Agro-Pecuário.

Localidade: Linha Baú.

Morador atual: Funcionários do Pôsto.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 300x250 metros encontra-se cerâmica e cultura de lascas alto-paranaense, do lado direito da desembocadura do Rio Macaco Branco no Rio Uruguai. Os informantes declaram ter encontrado acima de 15 igaçabas com ossos humanos e outras com cinzas além de vasos menores.

Área: 75.000 metros quadrados.

Vegetação: Grama, horta e capoeira.

Água mais próxima: O sítio está encostado no Rio Macaco Branco e Uruguai.

Tipo de solo do local: Barro vermelho escuro.

Pesquisas e escavações anteriores: Ao abrirem buracos para plantação de árvores frutíferas tocaram em muitas igaçabas que deixaram no lugar.

Construções e estradas: Casa sobre o sítio e estrada passa pelo meio do sítio.

Material arqueológico encontrado: Urnas funerárias com tampa, cerâmica guarani, carvão, cinza, machados bumerangóides, cultura de lascas alto-paranaense, gastrópodes fluviais.

Observações: Na opinião dos informantes existe ainda grande número de igaçabas no lugar, que estão a maior profundidade — um a dois metros. Talvez cobertas de terra de aluvião.

SC-U-11

Proprietário e morador: Waldemar Fucks.

Localidade: Santa Terezinha.

Delimitação e descrição do Sítio: Área de 30x20 metros, às margens do Rio Uruguai. Não foi possível delimitar bem, por estar coberto de grama e solo duríssimo.

Área: 600 metros quadrados.

Vegetação: Grama e mato.

Água mais próxima: A cinqüenta metros há o Arroio Terezinha.

Tipo de solo local: Terra vermelha.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani corrugada, unglada e lisa. Carvão e pedras irregulares e diabásio na rampa de um caminho, que dá acesso ao Rio e no barranco do Rio.

Observações: Este sítio parece ser pequeno em extensão. Não se exclui a possibilidade, do outro lado, de se estender até o Arroio Terezinha.

SC-U-12

Proprietário: Lauro Giehl e Germano Rabuske.

Localidade: Bem na encosta do Uruguai. Linha Baú.

Morador atual: Iron José Gewehr.

Delimitação e descrição do Sítio: Área de 500x100 metros, ao longo do Rio Uruguai. Cacos espalhados numa superfície de 500 metros em quadro.

Área: 50.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto e mato.

Água mais próxima: O sítio está encostado num córrego e no Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barrô vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foi quebrada uma igaçaba, com tampa, ao abrirem um caminho. Vimos os fragmentos no leito do caminho. Continha ossos humanos, um bastão de resina e um artefato laminar de diabásio perfeitamente alisado.

Construções e estradas: Estrada particular atravessando o sítio.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani unglada, lisa e corrugada, fragmentos de carvão vegetal a 20 centímetros de profundidade, na rampa do caminho. Fragmentos de ágata e diabásio lascado numa superfície de 50.000 metros quadrados.

Observações: O sítio é muitíssimo extenso. Parece, porém, pouco profundo, a não ser nos lugares onde enterraram igaçabas.

SC-U-13

Proprietário e morador: Antônio Sehn.

Localidade: Linha Laranjeiras.

Delimitação e descrição do Sítio: Havia espalhados cacos de cerâmica guarani sobre uma área de 150x100 metros quadrados. O arado, durante vinte anos de cultura, quebrou muitas vezes potes inteiros. Narra o dono que inicialmente havia uma série de elevações no solo que eles chamavam de cidade dos Bugres.

Área: 15.000 metros quadrados.

Vegetação: Roças.

Água mais próxima: Uma fonte perene e um arroio limítrofes com o sítio.

Tipo de solo local: Barrô vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Nenhuma.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani e vasos quebrados pelo dono.

Observações: Encontramos só segmentos de cerâmica na superfície. Sondas pequenas feitas não acertaram núcleos porque toda a área está coberta por capim alto e macega.

SC-U-14

Proprietário e morador: Augusto Simon.

Localidade: Linha Laranjeiras.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre uma área de 100x50 metros foram encontrados cacos de cerâmica guarani.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Roças de milho, mandioca e batatinha.

Água mais próxima: a cinquenta metros fonte perene e a cem metros o arroio Laranjeiras.

Tipo de solo do local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve, apenas amanho da terra durante trinta anos com arado.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani corrugada, unglada, lisa, vermelha. Um machado com corte perfeitamente alisado, alisador de cerâmica, lascas de ágata. No meio da derrubada havia abundância de conchas e vestígios de cultura alto-paranaense (três fragmentos).

Observações: O sítio é rico, mas muito trabalhado pela lavoura.

SC-U-15

Proprietário: Vitor Reis.

Localidade: Santa Fé.

Morador atual: Atmar Reis.

Delimitação e descrição do Sítio: Área de uns 50x50 metros, do lado direito da desembocadura do Arroio Dourado.

Área: 2.500 metros quadrados.

Vegetação: Capim, árvores isoladas.

Água mais próxima: O sítio está encostado ao Arroio Dourado e ao Rio Uruguai e a cem metros de uma nascente perene.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Retirando barro para olaria encontraram igaçabas quebradas e cultura alto-paranaense, que jogavam no Rio.

Material arqueológico encontrado: Fragmentos de grande igaçaba, cerâmica lisa e corrugada guarani. Picões e facas laminares típicas do alto-paranaense e carvão. Não se encontrou material conchífero.

Observações: O sítio parece ser relativamente pobre. Talvez seja mais extenso e as construções e enormes galpões da olaria ocupem parte do sítio.

SC-U-16

Proprietário e morador: Libório Barth.

Localidade: Linha Dourado.

Delimitação e descrição do Sítio: Área de 50x50 metros, talvez

mais. Do lado esquerdo da desembocadura do Arroio Dourado. Na rampa, de um buraco encontramos carvão, cerâmica, alto-paranaense.

Área: 2.500 metros quadrados.

Vegetação: Grama e capoeira.

Água mais próxima: A cem metros fonte de água perene. Arroio Dourado e Rio Uruguai encostados.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Alto-paranaense, cerâmica e carvão em pequena rampa.

Observações: A nossa sonda foi pequena. É provável que seja igual em extensão ao outro lado e mais conservado.

SC-U-17

Proprietário e morador: Bruno Berwanger.

Localidade: Sede Capela.

Delimitação e descrição do Sítio: Área de 100x100 metros. Cerâmica guarani espalhada.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça de mandioca.

Água mais próxima: A cem metros fonte perene.

Tipo de solo local: Barro vermelho com seixos de diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram já tiradas duas igaçabas e um vaso menor.

Material arqueológico encontrado: Vimos muita cerâmica espalhada pela superfície, cerâmica corrugada, lisa, unglada, machado de corte alisado etc. Havia conchas de gastrópodes fluviais.

Observações: Características do solo são manchas escuras com gastrópodes fluviais. Desenterramos uma igaçaba inteira.

SC-U-18

Proprietário e morador: Bruno Berwanger.

Localidade: Sede Capela.

Delimitação e descrição do Sítio: Numa área de 100x50 metros, no pasto, do lado direito da desembocadura do Arroio Fortaleza no Rio Uruguai.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto.

Água mais próxima: O sítio está encostado ao Arroio Fortaleza e Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: O morador retirou uma urna próximo à sua residência.

Material arqueológico encontrado: Uma pequena sonda feita no local revelou a presença de cerâmica corrugada e carvão. Não havia material conchífero.

Observações: Não fizemos grandes sondas porque o terreno é muito difícil de examinar por ser duro o solo, coberto de grama e capim. O local, porém, é muito sugestivo e próprio para grande sítio.

SC-U-19

Proprietário e morador: Clemente Schönhals.

Localidade: Linha Capela.

Delimitação e descrição do Sítio: Uma área de 100x50 metros: quase no fim da grande corredeira Fortaleza, do lado direito da desembocadura de um córrego perene.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Grama e capoeira.

Água mais próxima: O sítio está encostado a um córrego e ao Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com algum pedregulho.

Pesquisas ou escavações anteriores: O dono desenterrou uma igaçaba com tampa, com restos de ossos.

Material arqueológico encontrado: O dono desenterrou uma igaçaba praticamente inteira, com tampa quebrada. O vaso serviu como vaso de flôres mas foi destruído. Encontramos cacos de cerâmica lisa, corrugada e unglada (cerâmica guarani). Num buraco aberto no pasto encontramos carvão.

Observações: No pasto que fica encostado ao arroio não foi feita muita sonda por ser o terreno duríssimo. A igaçaba foi encontrada a cem metros do arroio.

Clemente Schönhals narra que houve um combate de índios com bandeirantes sobre o Rio Uruguai, quando os bandeirantes desciam o Rio em balsas. Ele mesmo encontrou uma espingarda com pederneira, dentro do Rio, em tempo de grande seca e mais um cano de espingarda contendo ainda chumbinhos.

SC-U-20

Proprietário: Wunibaldo Konzen.

Localidade: Jaboticaba.

Morador atual: Wunibaldo, Viúva e Arnoldo.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 300x100 metros acham-se espalhados núcleos, lascas e lâminas, aparas inúmeras da cultura alto-paranaense de diabásio vermelho, na encosta do morro.

Área: 30.000 metros quadrados.

Vegetação: Roças de mandioca, milho e soja.

Água mais próxima: Fonte perene encostada.

Tipo de solo local: Barro vermelho com pedras e diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foi coletado grande número de peças pelos alunos do Pré-seminário nos anos de 1959 e 1960.

Material arqueológico encontrado: Inúmeros núcleos, lascas, lâminas e peças atípicas, aparas da oficina lítica.

Observações: Trata-se de uma oficina ou pedreira de cultura alto-paranaense, onde ficaram as aparas e poucas peças típicas.

SC-U-21

Proprietário: Pré-seminário.

Localidade: Linha Capela.

Morador atual: Viúva de Ulrich Neff.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 300x100 metros aparecem evidências de cultura guarani.

Área: 30.000 metros quadrados.

Vegetação: Casa residencial e mato.

Água mais próxima: O sítio está encostado ao arroio Fortaleza e o Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com pedras de diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram retirados dez a quinze vasos escavados por amadores.

Material arqueológico encontrado: Foram escavados dez a quinze vasos, (três igarabas e urnas funerárias). Cerâmica espalhada sobre trinta mil metros quadrados, manchas pretas no solo com gastrópodes fluviais etc.

Observações: A viúva do Dr. Neff narra que os primeiros colonos cozinhavam em vasos indígenas. Existe uma mancha preta com carvão, conchas e cerâmica a uns cinquenta metros da casa, direção norte, atrás da garagem.

Grandes áreas do canto do Arroio Fortaleza com o Uruguai não foram aradas mas apenas ajardinadas. Devem existir neste sítio ainda muitos vasos intatos.

SC-U-22

Proprietário e morador: Viúva Jacó Barth.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 100x100 metros, acha-se espalhada cerâmica guarani e, nos fundos do terreno, encontrou-se cerâmica guarani e machados bumerangóides alto-paranaenses, machados alisados, contas de pedras azuis e verdes.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: A cem metros fonte perene e a trezentos e cinquenta metros o Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com seixos de diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram retiradas duas igarapabas da horta. Alunos do pré-seminário fizeram coleta de superfície.

Construções e estradas: Estrada atravessa o sítio.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani, contas de pedras azuis, machados alisados no corte, conchas (gastrópodes fluviais), carvão, lascas de diabásio vermelho, machados bumerangóides alto-paranaenses.

Observações: A uns seiscentos metros de distância do sítio, no morro, aos fundos do terreno, existe outro sítio com machados bumerangóides e cerâmica.

Características do sítio são manchas pretas com conchas (gastrópodes fluviais) e cacos.

SC-U-23

Proprietário e morador: Aloísio Deves.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 300x200 metros encontram-se evidências arqueológicas.

Área: 60.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça, pomar, pasto.

Água mais próxima: Córrego encostado.

Tipo de solo local: Barro vermelho com muita pedra, diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram tirados oito a dez vasos de cerâmica próximo ao Rio por amadores e foi feita coleta de superfície pelos mesmos.

Material arqueológico encontrado: Uns oito vasos de cerâmica; espalhados cacos de cerâmica, pontas de flecha de sílex, uma com aletas (Prancha I, 2), outra pisciforme, semelhante a "El Inga", Equador (Prancha I, 3), artefatos alto-paranaenses, carvão em camadas. Havia gastrópodes fluviais.

Observações: O sítio parece estender-se além da propriedade do sr. Aloísio Deves, nas colônias vizinhas.

SC-U-24

Proprietário e morador: Orlando Pila.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do Sítio: Ao longo do caminho, que dá acesso à barreira, onde retiram barro para o fabrico de tijolos, numa extensão de dez metros, à profundidade de trinta a quarenta cen-

tímetros, aparece camada de carvão, com cerâmica guarani, numa profundidade de 10 a 20 centímetros. Numa área de 300x200 metros aparecem espalhados cacos na superfície.

Área: 60.000 metros quadrados.

Vegetação: Grama, pasto.

Água mais próxima: O sítio está encostado num córrego e no Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram escavados uns dez vasos de cerâmica por amadores e cargas de cacos de cerâmica guarani.

Material arqueológico encontrado: Carvão, cacos de cerâmica guarani, uma pequena vasilha, praticamente inteira, que trouxemos, grandes cacos pintados com linhas vermelhas e brancas. Havia gastrópodes fluviais.

Observações: O sítio prossegue estendendo-se sobre terrenos vizinhos até o córrego, numa extensão de 200 metros.

SC-U-25

Proprietário e morador: Beno Barth.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do Sítio: Talvez 100x100 metros; no barranco da barreira, a seis metros de profundidade, foi encontrado carvão e cultura alto-paranaense. Atiravam o material no Rio, porque pisava os pés.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Capoeira e capim.

Água mais próxima: O sítio está encostado ao Arroio Vitória e ao Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: A cento e cinquenta metros encontra-se o sítio 24, em que escavadores amadores andaram retirando cultura guarani.

Material arqueológico encontrado: Até um metro cultura guarani, machados de corte polido, cerâmica típica; a seis metros de profundidade, carvão com terra vermelha queimada e cultura alto-paranaense. Havia conchas de gastrópodes fluviais.

Observações: Temos neste sítio a mesma ocorrência de culturas, como nos sítios de Barbian e Schorr, em Itapiranga.

SC-U-26

Proprietário e morador: Albano Hahn.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 300x100 metros estão espalhadas evidências de cultura guarani.

Área: 30.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto.

Água mais próxima: O Arroio Vitória: o sítio encosta do lado esquerdo da desembocadura.

Tipo de solo local: Terra preta com conchas.

Pesquisas ou escavações anteriores: Amadores retiraram cargas seguidas de cacos e uns cinco a seis vasos mais ou menos inteiros.

Material arqueológico encontrado: Cinco a seis vasos inteiros, cacos guaranis, conchas, carvão, manchas negras, lascas. Havia conchas de gastrópodes fluviais.

Observações: No dizer do proprietário as evidências estendem-se sobre uma área de uns 1.000x200 metros rio acima.

SC-U-27

Proprietário e morador: Aloísio Deves.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de cem metros quadrados havia espalhados cacos de cerâmica guarani.

Área: 100 metros quadrados.

Vegetação: Roça de milho.

Água mais próxima: Fonte perene encostada.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Nenhuma.

Material arqueológico encontrado: Cacos de cerâmica guarani e conchas de gastrópodes fluviais.

Observações: Parece sítio pequeno e não muito importante.

SC-U-28

Proprietário: Edgar Schoeler.

Localidade: Linha Capela.

Morador atual: Ângelo Delagostinho.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre a área de 100x100 metros há evidências de cultura guarani e vestígios de cultura alto-paranaense.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: Fonte a duzentos metros e a cem metros o Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foi tirada uma igaçaba, contendo ossos e enterrada novamente.

Material arqueológico encontrado: Uma igaçaba, urna funerária, abundantes cacos de cerâmica guarani, lascas cortantes de ágata e diabásio vermelho (alto-paranaense). Havia esporádicos gastrópodes fluviais.

Observações: A densidade é maior ao longo da estrada, que encostado no sítio.

SC-U-29

Proprietário e morador: Aloísio Schäfer.

Localidade: Linha Capela.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 200x50 metros há evidências de cultura guarani; no pasto, entre o Rio Uruguai e a casa do proprietário, há vestígios de cultura alto-paranaense.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto.

Água mais próxima: O sítio está encostado a uma fonte perene e ao Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foi encontrada uma igaçaba atingida pelo arado e deixada no lugar.

Material arqueológico encontrado: O material cerâmico espalha-se sobre uma área de dez mil metros quadrados. Há vestígio de cultura alto-paranaense, alisadores, batedores e lascas de ágata.

SC-U-30

Proprietário e morador: Aloísio Schäfer.

Localidade: Linha Capela, Volta do Rio.

Delimitação e descrição do Sítio: Sobre área de 50x50 metros há evidências de cerâmica guarani, lascas de ágata.

Próximo à mata a trezentos metros do Rio Uruguai, onde a estrada começa a afastar-se, antes da Corredeira Capela.

Área: 2.500 metros quadrados.

Vegetação: Roças de mandioca, cana e soja.

Água mais próxima: A cem metros, fonte perene.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani, lascas de ágata.

SC-U-31

Proprietário: José Telavid.

Localidade: Linha Capela, Volta do Rio.

Morador atual: Zeno Telavid.

Delimitação e descrição do sítio: Trata-se de uma roça nova e derrubada recente. Lugar pisco, no início da Corredeira. Ainda não

passou arado e no entanto encontram-se cacos de cerâmica guarani aflorando à superfície.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça de milho.

Água mais próxima: Córrego e Rio encostados.

Tipo de solo local: Barro vermelho com pouca pedra.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani.

Observações: Passando o arado provavelmente revolverá muitas igaçabas.

SC-U-32

Proprietário e morador: Bernardo Arnold.

Localidade: Linha Capela, Volta do Rio.

Delimitação e descrição do Sítio: 10x30 metros: Cerâmica guarani, alisadores etc.

Área: 300 metros quadrados.

Vegetação: Roça de mandioca.

Água mais próxima: A duzentos metros córrego perene e a quinhentos metros o Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: O terreno foi lavrado.

Material arqueológico encontrado: Manchas pretas com cerâmica guarani, alisadores (cascalhos) etc.

SC-U-33

Proprietário e morador: Bernardo Arnhold.

Localidade: Linha Capela, Volta do Rio.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 100x30 metros existe cerâmica guarani.

Área: 3.000 metros quadrados.

Vegetação: Alfafa, mandioca e soja.

Água mais próxima: A duzentos e cinquenta metros córrego perene e a mil e quatrocentos metros o Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Terra escura com diábásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Abundante cerâmica guarani, que se juntou com ancinho para plantar alfafa.

SC-U-34

Proprietário e morador: Bernardo Schönhals.

Localidade: Linha Capela, Volta do Rio.

Delimitação e descrição do Sítio: No barranco do Rio, 100x50

metros. Há evidência de cultura guarani sobre todo o terreno e vestígios de cultura alto-paranaense.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Grama.

Água mais próxima: Junto ao Rio Uruguai. Em tempo de chuva uma sanga atravessa o sítio.

Tipo de solo local: Barro preto.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani com abundante carvão; vestígios de cultura alto-paranaense, machados bumerangóides; machados guaranis com corte alisado, alisadores, lascas.

Observações: No morro também foi desenterrada uma igaçaba; houve manchas negras de acampamento. A lavoura intensa de trinta anos apagou, praticamente, os vestígios do sítio.

SC-U-35

Proprietário e morador: Adalberto Ritter.

Localidade: Linha Capela, Volta do Rio.

Delimitação e descrição do sítio: Lado esquerdo da desembocadura de um córrego, no pasto, cerâmica guarani numa área de 20x10 metros.

Área: 200 metros quadrados.

Água mais próxima: Encostada num córrego.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Descoberta uma igaçaba com esqueleto, foi deixada no lugar.

Material arqueológico encontrado: Uma igaçaba contendo um esqueleto, cerâmica guarani, carvão vegetal, lascas de ágata, cultura alto-paranaense espalhada na roça, machados bumerangóides, facas etc.

Observações: No dizer do proprietário, as evidências estendem-se até outro córrego, à distância de duzentos metros.

SC-U-36

Proprietário e morador: Viúva de Jacob Barth.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do Sítio: 50x100 metros, numa planície em cima do morro, no meio do mato.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Capoeira alta, roça abandonada.

Água mais próxima: A cem ou duzentos metros um córrego, no mato, a uns mil metros do Rio.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Amadores recolheram um balaio cheio de cacos de cerâmica guarani.

Material arqueológico encontrado: Cacos de cerâmica guarani, lisa, corrugada, decorada com linhas vermelhas sôbre engobe branco, ungulada. Foi retirado um vaso inteiro, liso, de uns vinte centímetros de altura.

SC-U-37

Proprietário e morador: Inácio Poersch.

Localidade: Linha Chapéu.

Delimitação e descrição do sítio: Sôbre área de 50x50 metros existem evidências de cerâmica guarani.

Área: 2.500 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: Encostada ao Arroio Chapéu e ao Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro Vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram recolhidos cacos por amadores.

Material arqueológico encontrado: Cacos de cerâmica guarani, decorada de todos os tipos, machados de corte alisado.

Observações: Não foi encontrado vaso inteiro.

SC-U-38

Proprietário e morador: Pedro Adolfo Friedrich.

Localidade: Santa Fé.

Delimitação e descrição do sítio: Numa área de 100x400 metros espalhadas evidências arqueológicas.

Área: 40.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça, pasto.

Água mais próxima: Arroio Santa Fé e Rio Uruguai encostados.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram retiradas umas dez içaçabas mais ou menos inteiras pelo proprietário. Apenas uma está ainda conservada.

Construções e estradas: Casa sôbre o sítio e estrada passa pelo sítio.

Material arqueológico encontrado: Seis içaçabas mais ou menos inteiras, inúmeros cacos, conchas, machados com corte alisado, alisadores, mão de pilão etc. Havia gastrópodes fluviais.

Observações: É um sítio muito extenso e riquíssimo. Retiramos uma içaçaba semi-enterrada em mau estado de conservação. Deixamo-la para o recém fundado Museu Arqueológico de Itapiranga.

SC-U-39

Proprietário e morador: João Schmitz.

Localidade: Santa Fé.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 100x400 metros há evidência de cerâmica, manchas negras com conchas, carvão, fogueiras, machados, alisadores.

Área: 40.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça, milho, pasto.

Água mais próxima: Encostado ao arroio Santa Fé e Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho.

Pesquisas ou escavações anteriores: Foram escavadas duas igaçabas.

Construções e estradas: Estrada passa pelo sítio.

Material arqueológico encontrado: Duas igaçabas retiradas, uma nós retiramos, machados, lascas, cacos, espalhados, cultura alto-paranaense. Havia gastrópodes fluviais em abundância.

Observações: Sítio rico e muito extenso. Retiramos pequena igaçaba, parcialmente quebrada pelo arado, com tampa. Continha esqueleto de criança (resto, com dentes).

SC-U-40

Proprietário e morador: Wilibaldo Wolfahrt.

Localidade: Santa Fé.

Delimitação e descrição do sítio: 200x400 metros, cerâmica guarani.

Área: 80.000 metros quadrados.

Vegetação: Mato, roça de milho.

Água mais próxima: Um córrego encostado, quinhentos metros do Rio.

Tipo de solo local: Barro pardo escuro.

Pesquisas ou escavações anteriores: Com o arado estragaram-se duas tampas de igaçabas, deixando-as no lugar.

Material arqueológico encontrado: Tampas de duas igaçabas estragadas pela lavoura, os fundos ficaram no lugar; pontas de cultura alto-paranaense, cacos na superfície.

Observações: Uma igaçaba de metro e trinta centímetros, o fundo existe com flores dentro. O sítio é muito extenso.

SC-U-41

Proprietário e morador: Bertoldo Wolfahrt.

Localidade: Santa Fé.

Delimitação e descrição do sítio: 400x200 metros, cacos espalhados.

Área: 80.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: O sítio está encostado a um córrego e existe uma fonte de água muito boa; Setecentos metros do Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro com diabásio em decomposição.

Pesquisas e escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Conchas (gastrópodes fluviiais), cacos de cerâmica, manchas escuras, cultura alto-paranaense, machado com cabo, cavado um canal dentro da rocha para conduzir água.

Observações: Parece ter muita cerâmica, mas a lavoura já trabalhou o sítio durante quarenta anos, apagando em parte as evidências de manchas escuras.

SC-U-42

Proprietário e morador: Oto Lauschner.

Localidade: Hervalzinho.

Delimitação e descrição do sítio: 10x10 metros, evidências arqueológicas,

Área: 100 metros quadrados.

Vegetação: Ervilhaca.

Água mais próxima: A trinta metros fonte perene.

Tipo de solo local: Barro pardo escuro.

Pesquisas ou escavações anteriores: O dono encontrou, na superfície, trezentas e sessenta contas perfuradas de pedra azul e de rocha branca e verde, maiores e menores: de dois a oito milímetros; oito tembetás de pedra branca, de cento e vinte por quatorze milímetros, pendentes de pedra perfurada de dois tipos, anzóis de aço, uma lâmina de navalha, pequena lâmina de vidro e uma pedra aliçada.

Material arqueológico encontrado: veja supra.

Observações: A um quilômetro dêste sítio, passa uma estrada antiquíssima, de quatro metros de largura. Os primeiros colonos, encontraram esta estrada nitidamente delineada, mas invadida pela mata com árvores de até cinquenta centímetros de diâmetro. Deram-lhe o nome de "Estrada dos Bugres". Afirmam que a estrada estende-se além dos limites do Brasil. A premência de tempo não nos permitiu esclarecer o assunto.

SC-U-43

Proprietário: João Antônio Guarienti e Pedro Tomasi.

Localidade: Linha Glória.

Morador atual: João Antônio Guarienti.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 240x200 metros, evidências arqueológicas de cerâmica guarani e cultura alto-paranaense.

Área: 48.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: Córrego nascente encostado; o sítio está a mil metros do Rio Peperi e do Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Pardo escuro com pedregulho em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: O arado quebrou muitas igaçabas.

Construções e estradas: Casa encostada e estrada passa pelo sítio.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani de todos os tipos, machados líticos, lascas de cultura alto-paranaense.

Observações: A zona toda é muito rica em material arqueológico; o povo, porém, miscelânea de alemão, italiano e luso tem a cabeça cheia de mitos e idéias vagas de tesouros escondidos dos Jesuítas.

SC-U-44

Proprietário: Toríbio Rodrigues Teixeira e Romen Franke.

Localidade: Linha Glória.

Morador atual: Toríbio Rodrigues Teixeira.

Delimitação e descrição do sítio: 100x100 metros, evidências de cerâmica guarani de todos os tipos, machados, alisadores, raspadores etc.

Fica do lado direito da desembocadura de um córrego no Rio Uruguai.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: Córrego e Uruguai encostados.

Tipo de solo local: Pardo escuro com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: O arado estragou muitas igaçabas.

Construções e estradas: Estrada passa pelo sítio.

Material arqueológico encontrado: Duas igaçabas, com tampa, quebradas; abundantes cacos de cerâmica guarani, machados, cultura alto-paranaense, manchas pretas com conchas (gastrópodes fluviais).

SC-U-45

Proprietário e morador: Albino Rodrigues Oliveira.

Localidade: Linha Glória.

Delimitação e descrição do sítio: 100x800 metros.

Área: 80.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça e mato.

Água mais próxima: O sítio está encostado no Rio Uruguai, num córrego e no Rio Peperi.

Tipo de solo local: Vermelho escuro.

Pesquisas ou escavações anteriores: Descobriu duas igaçabas.

Material arqueológico encontrado: Manchas pretas no solo com cacos de cerâmica guarani, conchas (gastropodes fluviais), machados.

Observações: O terreno ainda não foi muito trabalhado pelo arado, por isso há ainda igaçabas inteiras. Retiramos duas igaçabas pintadas de vermelho sobre engobe branco, a tampa fôra quebrada pelo arado. Continha restos de ossos humanos. No fundo das igaçabas, junto dos restos dos esqueletos de pessoa jovem (dentes não desgastados) encontramos três tembetás, de mineral branco, de nove vírgula cinco, respectivamente, sete vírgula cinco mm de comprimento por oito milímetros de diâmetro (veja Prancha I, 5).

SC-U-46

Proprietário e morador: Erevides Johnes.

Localidade: Linha Glória.

Delimitação e descrição do sítio: 160 por mais ou menos 1.500 metros, evidências arqueológicas.

Área: 250.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça e mato.

Água mais próxima: O sítio está encostado a um córrego e a mil e duzentos metros do Peperi e a mil e quinhentos metros do Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro.

Pesquisas ou escavações anteriores: Retiraram-se 2 igaçabas, uma grande e uma pequena. Uma estragou a outra durante a viagem.

Construções e estradas: Casa no sítio e estrada passa pelo sítio.

Material arqueológico encontrado: Igaçabas, manchas pretas com conchas (gastropodes fluviais), cacos de cerâmica guarani em abundância.

Observações: O terreno é pouco trabalhado pela lavoura; deve abrigar igaçabas inteiras.

SC-U-47

Proprietário e morador: José Avelino dos Santos.

Localidade: Linha Glória.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de aproximadamente 160x1.500 metros aparecem evidências arqueológicas.

Área: 250.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça e mato.

Água mais próxima: Um córrego encostado e a um quilômetro do Rio Peperi e Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: O dono retirou uma igaçaba grande, contendo cinco menores.

Material arqueológico encontrado: Igaçabas, manchas pretas com conchas (gastrópodes fluviais), cerâmica, alisadores.

Observações: O terreno, pouco trabalhado pelo arado, deverá abrigar ainda grande número de igaçabas inteiras.

SC-U-48

Proprietário e morador: Samuel Freitas.

Localidade: Linha Glória.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 100x100 metros aparecem evidências de material arqueológico de cultura guarani e vestígios de cultura alto-paranaense.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça.

Água mais próxima: Água a cem metros; o sítio está a oitocentos metros do Rio Peperi e a quinhentos metros do Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Nenhuma.

Material arqueológico encontrado: Manchas pretas com conchas (gastrópodes fluviais, batedores, mão de pilão, cerâmica guarani.

Observações: O proprietário está tomado de idéias confusas de tesouros escondidos. Acredita que no seu terreno existem marcos de roteiros.

SC-U-49

Proprietário e morador: João Dias Borba.

Localidade: Linha Glória.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 500x200 metros evidências arqueológicas. Manchas pretas com conchas (gastrópodes fluviais, cerâmica, cultura alto-paranaense, do lado direito da desembocadura de um córrego no Rio Uruguai.

Área: 100.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto, roça e mata secundária.

Água mais próxima: O sítio está encostado ao Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Um empregado do proprietário andou escavando e quebrando muitas igaçabas, à procura de tesouros.

Construção e estradas: Casa sobre o sítio e estrada até o sítio.

Material arqueológico encontrado: Cerâmica guarani de todos os tipos, lascas esparsas de cultura alto-paranaense, conchas (gastropodes fluviais).

Observações: O sítio foi pouco trabalhado pelo arado. Por isso deve abrigar ainda vasos inteiros. Encontramos, perdido no mato, um antigo cemitério. Corre que este cemitério é de bandidos que até três anos passados, infestavam a região fronteira, fugindo da justiça; o local fica quatro quilômetros da fronteira com a Argentina.

SC-U-50

Proprietário e morador: Ervino Hahn.

Localidade: Linha Glória.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 100x50 metros aparecem evidências arqueológicas, do lado esquerdo da desembocadura de um córrego no Rio Uruguai.

Área: 5.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça e pasto.

Água mais próxima: Encostado ao Rio Uruguai.

Tipo de solo local: Barro vermelho com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: O proprietário, com o arado, quebrou a tampa de uma igaçaba que deixou no lugar.

Construções e estradas: Casa sobre o sítio.

Material arqueológico encontrado: Manchas pretas com conchas (gastropodes fluviais), cerâmica guarani. Aparecem espalhadas lascas da cultura alto-paranaense.

Observações: O sítio está separado, pelo córrego, do sítio N.º 49.

SC-U-51

Proprietário e morador: Miguel Fath.

Localidade: Linha Baú.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 100x100 metros, do lado esquerdo da desembocadura do Arroio Baú no Rio Uruguai, evidências arqueológicas junto à Corredeira Baú.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça e mato.

Água mais próxima: Encostado ao Rio Uruguai e ao Arroio Baú.

Tipo de solo local: Terra escura e vermelha escura.

Pesquisas ou escavações anteriores: Não houve.

Material arqueológico encontrado: Abundante cerâmica guarani de todos os tipos; batedores, raspadores, alisadores, machados bu-

merangóides e lascas de cultura alto-paranaense. Há bastantes gastrópodes fluviais com manchas pretas no solo.

Observações: É sítio interessante e rico, pouco trabalhado pela lavoura.

SC-U-52

Proprietário e morador: Miguel Geraldino Alves de Oliveira.

Localidade: Linha Pacífico.

Delimitação e descrição do sítio: Ao lado direito da desembocadura de um córrego no Rio Peperi-Guaçu. Sobre área de 100x100 metros evidências arqueológicas.

Área: 10.000 metros quadrados.

Vegetação: Pasto e mato.

Água mais próxima: Córrego e Rio Peperi encostados.

Tipo de solo local: Barro vermelho escuro com diabásio em decomposição.

Pesquisas ou escavações anteriores: Retiraram dois vasos de cerâmica.

Material arqueológico encontrado: Dois vasos de cerâmica, desenterrados pelo dono (perdidos), lascas de cultura alto-paranaense.

SC-U-53

Proprietário e morador: Reinoldo Krein.

Localidade: Linha Ervas, Mondai.

Delimitação e descrição do sítio: Sobre área de 200x150 metros aparecem evidências arqueológicas de cultura guarani (cerâmica); manchas pretas e cultura alto-paranaense.

Área: 30.000 metros quadrados.

Vegetação: Roça e pasto.

Água mais próxima: Encostado a um córrego e ao Rio Uruguai.

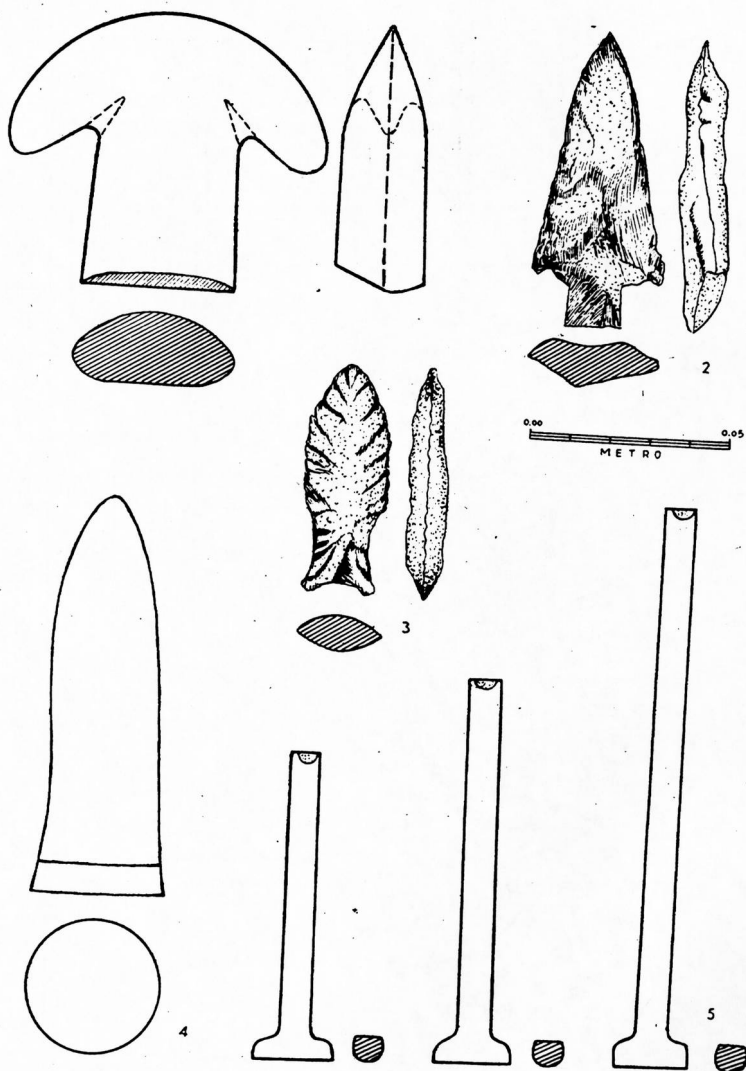
Tipo de solo local: Terra escura de vargem.

Pesquisas ou escavações anteriores: O dono retirou três vasos e sabe de dois ainda existentes.

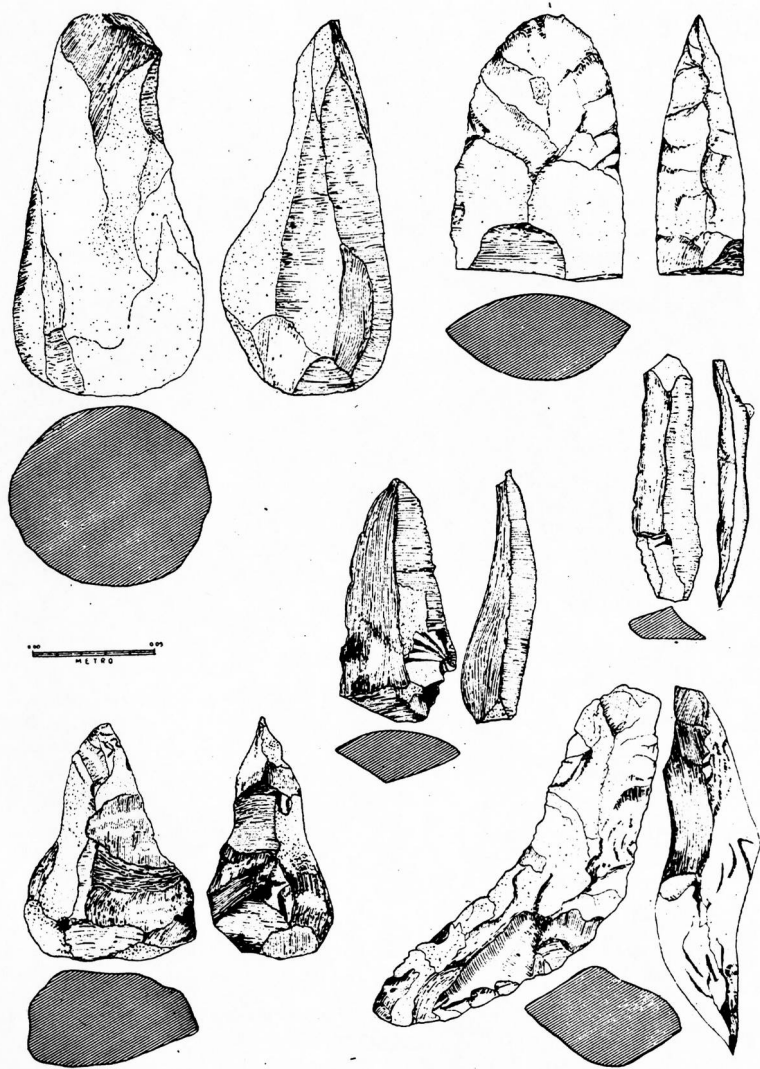
Material arqueológico encontrado: Igaçabas com ossadas. Inúmeros cacos, machados com corte alisado, carvão, machados, lascas alto-paranaenses, alisadores de cerâmica, conchas (gastrópodes fluviais).

Observações: As características do sítio são manchas escuras no solo com conchas de gastrópodes fluviais. Trouxemos uma igaçaba que continha ossos (caveira inteira). Fôra atingida pelo arado; a tampa estava quebrada.

Deixada em branco intencionalmente



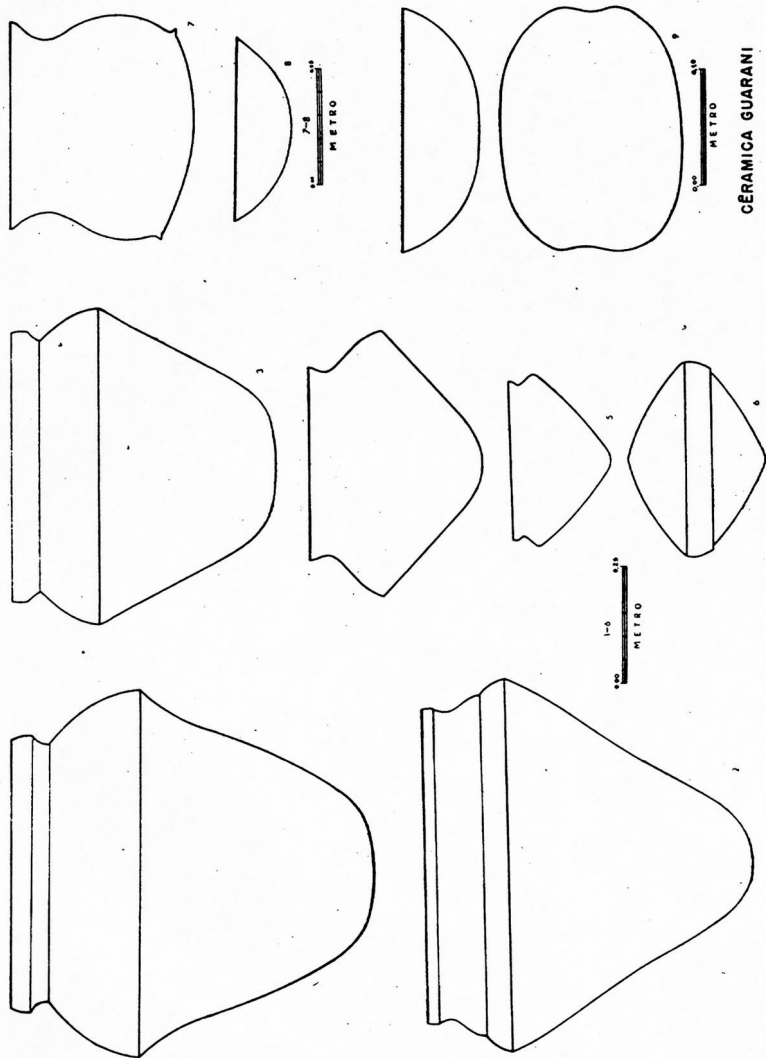
Prancha I: 1 — machado semi-lunar (SC-U-8); 2 — ponta de flecha; 3 — ponta de flecha, apresentando semelhança com "El Inga" (SC-U-23); 4 — piteira ou cachimbo de barro cozido; 5 — tembetás (SC-U-45).



CULTURA ALTO-PARANAENSE

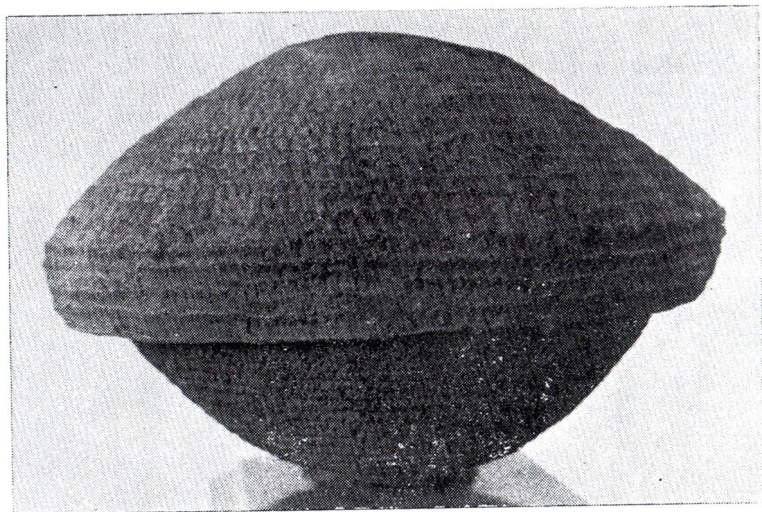
Prancha II: Implementos de tipo alto-paranaense.

Deixada em branco intencionalmente

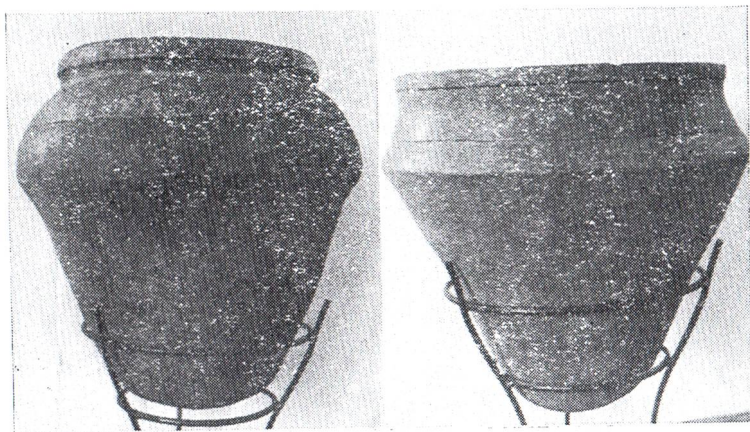


CÉRAMICA GUARANI

Prancha III: 1 — Urna parcialmente pintada (foto 2, pr. IV); 2 — Urna parcialmente engobada de vermelho (foto 3, pr. IV); 3 — Urna pintada; 4 — Urna pequena, corrugada; 5 — Urna pequena, corrugada; 6 — A urna 5 com a respectiva tampa, corrugada (foto 1, pr. IV); 7 — Pequena tigela, simples, unglada na base; 8 — prato engobado de vermelho por dentro; 9 — prato engobado de vermelho por dentro.



Prancha IV: Urna pequena com respectiva tampa.



Duas urnas grandes

PESQUISAS

Publicações de Antropologia

1. **Um Paradeiro Guarani no Alto Uruguai** — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 122—142.
2. **Os Iranche, Contribuição para o Estudo Etnológico da Tribo** — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1, 1957, 143—180, 293—295.
3. **Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul)** — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 2, 1958, 113—143.
4. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 199—266.
5. **A Cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina e a Cerâmica da Base Aérea** — Inácio Schmitz, SJ. — Pesquisas 3, 1959, 267—324.
6. **Schmuckgegenstände aus den Muschelbergen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 6; 60 pp.
7. **Objetos Zoomorfos do Litoral de Sta. Catarina e Paraná** — Guilherme Tiburtius e Iris Koehler Bigarella. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 7, 51 pp., 13 tab.
8. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, II** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 8, 32 pp., 5 fig., 1 mapa.
9. **Juan del Oso en los Tuxtla** — J. Hasler — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 9, 17 pp.
10. **Os Münkü. 2.ª Contribuição ao estudo da tribo Iranche** — José de Moura, SJ. — Pesquisas 1960, Antropologia nr. 10, 59 pp.
11. **Wildschweinhauer als Werkgeräte, aus den Muschelhaufen von Paraná und Santa Catarina, Südbrasilien.** — Guilherme Tiburtius — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 11, 28 pp., 5 Abb.
12. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina, e Notícias Prévias Sobre Sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1961, Antropologia nr. 12, 18 pp., 12 fig.
13. **Notícias de uma Indústria Lítica no Planalto Paranaense** — Igor Chmyz — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 13, 19 pp., 7 fig.
14. **Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina e Sambaquis do Litoral Sul-Catarinense, IV (1961)** — Alfredo Rohr, SJ. — Pesquisas 1962, Antropologia nr. 14, 27 pp., 10 fig.

VALE DO RIO DOS SINOS

Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos

Publica trabalhos de pesquisa e artigos dos Professores e Alunos da Faculdade, nos campos sócio-econômico-doutrinários.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos
Praça João Pessoa, 35 — Tel. 16 — São Leopoldo, RS,
Brasil.

ESTUDOS LEOPOLDENSES

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
de São Leopoldo**

Publica trabalhos de pesquisa dos Professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

História e Ciências Sociais

Educação

Filosofia

Letras

História Natural

Matemática

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Enderêço:

Estudos Leopoldenses — Praça João Pessoa, 35 —
São Leopoldo, RS, Brasil.